ANO 9.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 1929 N.º 2557

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 80 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 87, 2.
Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 49
TELEFONES { Direcção: N. 152 / Redacção: N. 153 e 154
Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NA Vila da Feira foi ontem prestada uma significativa homenagem ao sr. dr. Henrique Vaz Ferreira, contador do Tribunal da Boa-Hora e conhecido romancista.

Um grupo de amigos e admiradores do ilustre escritor foi ontem áquela encantadora vila entregar-lhe uma mensagem e um riquissimo album com iluminuras e milhares de assinaturas.

A homenagem, que coincidiu com o 40.º aniversario do seu ingresso no quadro do funcionalismo publico, teve como pretexto o facto do sr. dr. Vaz Ferreira ter sido o iniciador e o autor do decreto que criou a Caixa de Aposentações dos Oficiais de Justiça.

Na sessão de homenagem, que se realizou na Sala Nobre do Tribunal, falaram, em primeiro lugar, o sr. dr. Borges de Castro, presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal, que deu as bôas vindas aos visitantes e saudou o sr. dr. Vaz Ferreira como homem de letras, como funcionario publico e como amigo. Depois leu a mensagem o sr. Antonio Augusto Garcia, secretario da Comissão de homenagem. Seguiramm no uso da palavra os srs. drs. Corvinel Moreira, Mario Xavier e Vicente Fragoso.

Por fim, o sr. dr. Vaz Ferreira, que foi saudado com uma prolongada salva de palmas, leu um interessante discurso de agradecimento. Visivelmente comovido, foi abraçado por toda a assistencia. queenchia por completo a Sala do Tribunal.

Procedeu-se em seguida á cerimonia do descerramento da lapide comemorativa de homenagem do municipio da Vila da Feira, na frontaria da casa onde nasceu o sr. dr. Vaz Ferreira.

Finalmente em casa do homenageado foi servido um copo de agua, hovendo brindes cordiais.

* * *

COMEÇAM amanhã as provas motoristas nas Caldas da Rainha, da iniciativa do sr. Conde de Fontalva. As provas iniciam-se com o, sempre curioso, Concurso de Elegancia. No domingo realizam-se as corridas do quilometro lançado.

O Juri de Honra é constituido por distintas personalidades locais, e pelo sr. general Teofilo Trindade, Governadores civis de Lisboa e Leiria, engenheira Carlos Santos e comandante Ferreira do Amaral. O juri tecnico do A. C. P. reune as maiores competencias do nosso meio automobilistico.

* * *

A ARTISTA cinematografica Dina Gralla e o nosso compatriota actor Artur Duarte, que se encontram em Lisboa a filmar alguns exteriores de um "film„ alemão, foram ontem obsequiados com um jantar intimo de homenagem pela Sociedade Geral de Filmes.

Assistiram os srs. engenheiro Monteiro Pinto e sua esposa, o sr. Correia de Matos e o nosso presado colaborador sr. Antonio Ribeiro. Ao *toast* trocaram-se afectuosos brindes, tendo a gentil Dina Gralla agradecido em simples e graciosas palavras.

Portugal e Espanha

Os chefes dos dois governos—português e espanhol encontraram-se hoje em Viana do Castelo e não é licito duvidar de que o assunto principal das suas conversações deve ter sido o apertamento das relações entre as duas nações peninsulares. Esta formula tão elastica—apartamento de relações—envolve naturalmente uma disposição feliz para se criar a atmosfera necessaria e propicia á solução das questões pendentes.

Uma franca politica de aproximação com a Espanha, dentro dos limites que lhe assinalam a nossa situação internacional e as exigencias da nossa expansão economica, só poderá ser combatida ou suspeitada por quem teime em fechar os olhos ás realidades, negando-as por sistema ou teimosia.

Dizia Napoleão:

—«Os povos que muito receiam, ou não conhecem o seu valor ou carecem de força para se tornarem respeitados.»

Portugal, durante largo tempo, apresentou-se como um timido, legando aos outros o cuidado de o julgarem segundo uma pauta de valores que lhe era aplicada—distraida ou vulpinamente. As duras lições da experiencia e a crescente compreensão de que o seu destino depende da Nemezis internacional educaram-no de modo a não consentir que as razões e o orgulho da sua existencia possam ser ignorados, pelos que se haviam habituado a tanto.

Portugal e a Espanha praticaram, por larguissimos anos, o isolamento e o esquecimento mutuo: nós fitavamos a Europa sem vêr os nossos visinhos que, por sua vez, olhavam para o Ocidente como se nós não existissemos. As proprias escolas se encarregaram de manter um estado de coisas não só perigoso, mas absurdo.

Portugal tomou as saídas aos grandes rios da Peninsula — o que colocou a Espanha na situação dum homem que habita os altos andares duma casa sem poder servir-se livremente das portas do rés-do-chão. Possuia um riquissimo império na América e não dispunha dos portos directos, talhados pela natureza para comodidade do comércio, a fim de comunicar com êle.

Rio Tejo, rio Tejo...

Lisboa era a chave da sua grandeza integral. A Espanha sabia isto, mas nunca pôde resolver o enigma dificil da sua unificação, suprimindo-nos. A sua psicologia levou-a a encarar-nos como um povo que contrariava as leis naturais do seu movimento para o mar, quebrando-lhe a continuidade da sua costa.

Por nossa banda, desde a fundação do reino, afeitos a palpitar o perigo e a ameaça do lado de Leste, os nossos odios viraram-se para lá. A fronteira fez-se muro espesso e cerrado. Ignoravamos a Espanha, por cautela e por vingança. Seguimos a Inglaterra por obra dos tratados e a França por simpatia intelectual e artistica. A sombra do Escorial fechou as estradas— as da amisade e as do negocio.

Embora se diga que a historia é o paraiso dos mortos, estes não podem mandar contra a verdade e contra a justiça. Portugal e Espanha abriram os olhos, perceberam os erros do passado, sentiram que podiam viver independentes, mas unidos para as tarefas comuns e para os afectos que estabelecem vinculos e laços duradouros.

A hora das realizações chegou, depois de longamente desejada por tantos portugueses e espanhois esclarecidos. Fazemos votos ardentes para que, sob a sua inspiração, os srs. Ivens Ferraz e Primo de Rivera troquem palavras que sejam a confirmação ou o começo de grandes actos — para honra de Portugal e Espanha.

A trasladação do Cardial Patriarca

A's 18 e 45 está chegando á Sé Patriarcal o cortejo funebre da trasladação do corpo do Cardeal Patriarca.

O cortejo presidido pelo pro-vigario Conego sr. Manuel Anaquim, constituiu uma imponente manifestação. A urna foi conduzida num coche de três parelhas, seguido de muitos carros.

Na velha catedral está armado um grandioso catafalco para receber a urna.

O cadaver de Sua Eminencia fica esta noite exposto ao publico, realizando-se ámanhã o funeral, com extraordinaria pompa, para S. Vicente, ás 11 horas da manhã, depois das solenidades religiosas a que assistem o Govêrno, os Prelados que se encontram em Lisboa e o corpo diplomatico.

PARTIU hoje para costa norte de Portugal, a fim de realizar um cruzeiro deinstrução, a divisão naval ligeira, do comando do capitão de fragata sr. Eduardo Maria Soares, que arvora o seu distintivo a bordo do contra-torpedeiro "Tamega".

Os quatro navios da divisão, visitam durante o cruzeiro os principais portos do norte, regressando ao Tejo depois de terminado o periodo de instrução.

O sr. ministro da Marinha, comandante Magalhães Correia, está estudando de comum acordo com o almirante chefe do Estado Maior Naval, o programa definitivo dos exercicios finais.

A bordo do cruzador "Vasco da Gama", que dentro em breve chegará ao Tejo, de regresso dos Açores, embarcarão os srs. ministro da Marinha e almirantes Chefe do Estado Maior Naval e Superintendente Geral da Armada.

* * *

OS jornais do Rio de Janeiro, ultimamente chegados a Lisboa, noticiam a recepção verdadeiramente excepcional, ali feita ao dr. Candido Campos, no seu regresso da Europa.

Candido Campos, que tantas simpatias conquistou em Portugal quando da sua recente estada entre nós, partiu da nossa terra seduzido e encantado pela beleza da paisagem, pela pureza dos costumes e pela hospitalcira afabilidade da gente lusitana. Certo estamos de que ele não nos esquecerá e nos fará sempre inteira e cordeal justiça. Como amigos e admiradores do ilustre jornalista, regosijamo-nos sinceramente com as homenagens prestadas a Candido Campos pela "élite„ intelectual e politica da sociedade brasileira.

* * *

COMEÇARAM hoje, na ridente povoação das Azenhas do Mar, os festejos de S. Lourenço, pequenita capela tradicional, sobranceira ao Oceano. O caracter da localidade, a natureza popular e pitoresca dos festejos, o programa, verdadeiramente sugestivo, atraem ali milhares de forasteiros, servidos pela linha electrica de Sintra á Praia. As Azenhas do Mar, até segunda feira de madrugada, deve oferecer um encantador quadro português, tipico, cheio de sol e lavado de ares.

* * *

TOMA amanhã posse, pelas 15 horas, do lugar de director da Casa Pia de Lisboa, o actual sub-director, sr. coronel Camara Leme. A posse é-lhe dada pelo director geral de Assistencia, sr. Luís Machado Pinto.

* * *

A DISTINTA poetisa sr.ª D. Beatriz Arnut publicou agora, sob o titulo "Orações„, dois primorosos sonetos "A' Senhora de Fatima„ e "Nun'Alvares„, numa "plaquette„ que até graficamente se recomenda.

* * *

A FOLHA oficial insere hoje, pela pasta dos Estrangeiros, os decretos já conhecidos criando o lugar de secretario geral e ordenando um inquerito ás reparações.

Tauromaquia

Simão da Veiga no Campo-Pequeno

Como sempre, para que uma corrida resulte saindo os aficionados satisfeitos, é necessario que a materia prima, os touros, cumpram, e é o que está assegurado no proximo domingo, pois que, sendo os lavradores escrupulosos, autorizaram o cavaleiro Simão da Veiga a escolher nas suas manadas os melhores de tipo e de cruza. O cavaleiro Veiga empregou todos os seus conhecimentos na selecção, o que representa uma garantia para o exito da corrida. Sydney Franklin, que chega amanhã, toureará dois touros em pontas, Ricardo Teixeira esforçar-se-ha por tourear o touro que lhe competir a ferros de palmo, o que, como sempre, causará sensação.

A comissão dá de «bonus» aos portadores dos programas 10 por cento de desconto.

Os jovens Casimiros e Edmundo de Oliveira no Cartaxo

Os cavaleiros Casimiros, filhos, toureiam no Cartaxo, no proximo domingo, numa corrida de festa artistica do cabo de forcados Edmundo de Oliveira, que chefia o grupo do Vale de Santarem, e é o vencedor de todos os concursos de pegas que têm sido feitos em Lisboa. O grupo de forcados é o do festejado, os touros são de uma excelente ganaderia do Ribatejo e os bandarilheiros são artistas que sempre o publico vê com agrado.

Uma festa de homenagem

Realiza-se no proximo domingo, na Praça do Campo Pequeno, ás 11 horas, uma pequena festa promovida pelos porteiros das praças do Campo Pequeno e Algés, em homenagem ao seu fiscal João Maria Rego e ao seu ajudante Antonio Luís Moita. Prestam o seu valioso concurso a esta homenagem os srs. J. J. Segurado e Arnaldo Tavares.

Os promotores esperam a comparencia de todos os amigos dos homenageados.

DE LUTO

D. Emilia Vicencia da Silva e Almeida

Na sua residencia, Rua dos Luziadas, 64, 1.º, faleceu hoje esta senhora, mãe do major de cavalaria Artur José d'Almeida, do comerciante da nossa praça Duarte Augusto d'Almeida e sogra do capitão-aviador Celestino Pais de Ramos, devendo o funeral realizar-se amanhã, pelas 15,30 horas, saindo o prestito funebre da morada acima indicada para o cemiterio Oriental, onde ficará depositada em jazigo de familia.

O desastre da Curia

Um grupo de amigos e colegas dos falecidos violinistas Francisco Remartinez e Tiago Alcobia, vitimas do desastre da Curia, que tão dolorosa impressão causou em todo pais, manda rezar amanhã uma missa, ás 11,30, na igreja de S. Domingos, comemorando o 1.º aniversario da emocionante tragedia.

Durante a missa tocará no côro a orquestra do Tivoli.

A's 11 horas será tambem rezada missa por intenção da familia Remartinez e em S. Francisco de Paula, ás 10,30, por alma do violinista sr. Tiago Alcobia e Silva.

«Dicionarios Liliput»

Do sr. Ricardo Gennert, Apartado 98, Porto, recebemos dois exemplares dum «Dicionario da Lingua Portuguesa», de 759 paginas, com 40 × 55 mm. e 25 gramas de peso, que se vende por 4$00.

«Gazeta dos Caminhos de Ferro»

A interessante revista «Gazeta dos Caminhos de Ferro» publicou o seu n.º 999 referente a 1 do corrente tendo entrado no 42.º ano da sua publicação. Entre a variada colaboração artigos dos srs. comandantes Raul Esteves, J. Fernando de Sousa, Alexandre Galrão, Correia Júnior, marechal Gomes da Costa, dr. Calado Rodrigues e Carlos d'Ornelas. Insere vario noticiario, como as regalias ao pessoal ferroviario aguardando reforma, linhas portuguesas, linhas estrangeiras, ha quarenta anos, viagens e transportes, a hora de verão e os Caminhos de Ferro, etc.

Distribui tambem os anexos da Companhia Portuguesa, tarifa de camionagens, tarifa de transportes, etc.

BOLSA DE LISBOA

9 de Agosto

CONTADO

Valores	Efectuado	Compradores	Vendedores
P. Int. 6 1/2 % 1923 Ouro	895$00	895$00	896$50
» Ext. 3 % 1.ª serie	927$00	926$50	927$50
» » 3 % 2.ª »	—	920$00	—
» » 3 % 3.ª »	—	988$00	995$00
Banco Comer. de Lisboa	—	520$00	525$00
» Lisboa & Açores	—	50$00	—
» de Portugal	—	997$00	1.000$00
C. C. F. de Benguela	—	1.555$00	1.570$00
» » » N. e L. 3 % 2.º g.	88$00	87$50	88$00
» das Aguas de Lisboa	440$00	439$50	440$00
» Gaz e Electric. coup.	373$00	373$00	376$00
Soc. Industrial Aliança	—	162$00	165$00
C. Portugal e Colonias	109$00	109$00	109$50
» Nacional de Navegaç.	—	302$00	308$00
Tab. de Portugal	—	633$50	642$00
» Portug. de Tabacos	—	355$00	370$00
The Match Tobacco T. S. C.ª ant.	—	100$00	—
Idem mod.	—	94$50	96$50
C. Amboim	—	176$00	179$50
» Col. Buzi 1.ª emissão	77$00	76$50	77$00
» Col. Buzi 2.ª emissão	72$00	71$00	74$00
» de Seguros Sagres	—	1.020$00	1.300$00
A Tabaqueira	550$00	545$00	556$00

A PRAZO

EFECTUADO

Gaz e Eletr. 1.ª	390$00	Norte e Leste 1.ª	88$50
» » 3.ª	395$00	B. N. Ultram. 3.ª	172$50

A DOIS PASSOS DE LISBOA

BELEZAS DA Rinchôa

Tudo nesta região e suas proximidades cheira a arabe. E' *Rio de Mouro*, *Algueirão*, *Albarraque* — a Warrada dos mouros (*Warrada*, vaso de flôres) — *Alcabideche*; *Almargem do Bispo*, *Alcainça e Mafra*, perimetro que não vai a cinco leguas de diametro. Nesta origem deve estar igualmente a visinha *Agualva*, aldeia antiquissima, hoje quasi batida pelo modernissimo Cacem, como que com ele se confundindo, ela que pode ufanar-se de ter sido berço e apelido do Chanceler-Mór de D. Afonso IV e bispo de Lisboa, D. Domingos, que não foi o fundador da Universidade de Coimbra, como afirma Pinheiro Chagas, mas sim da Universidade que se estabeleceu em Lisboa, no Bairro da Alfama, ás Escolas Gerais, tendo fundado tambem o Hospital de Santo Eloy, em cuja igreja foi sepultado, a 16 de Novembro de 1293.

Nesse tempo, *Agualva* chamava-se *Jarda*, e o bispo D. Domingos chamou-se por antinomasia D. Domingos Jardo, (*Jardo*, natural de *Jarda*). E ha até quem afirme, seguindo Plutarco, — nas coisas antigas, as contradições, as hipoteses e as questiunculas abundam, como abundam no nosso tempo os talentos e os super-homens, — que esta *Agualva* é a *Ceciliana Castro*, dos romanos.

Seja ou não, o significado do seu nome actual mas já velho de seculos liga-se, em intima comunhão arabe, com o visinho Rio de Mouro, porquanto, se eu não erro, que eu nestas coisas curo por informações, *Agualva* quere dizer — *Agua da Moura*.

Tudo mourisco, ou arabe, ou sarraceno, o que dá na mesma, filhos do Al-Korão que por aqui viveram e por aqui deixaram fama dos seus nomes e da sua lingua.

Dos seus nomes, da sua lingua e da sua marcada fobia ás arvores, que não ha na Extremadura palmo de terra mais árido, mais nú, mais despido da verdejante formosura das arvores saudaveis e amigas do que este.

* * *

Pois é precisamente ao quilometro 20,750 da linha de Sintra, entre as estações do Cacem e das Mercês, que fica situado o apeadeiro impropriamente chamado de Rio de Mouro, apeadeiro que tem a dois passos o pitoresco lugar da Rinchôa, que mais e melhor se deveria chamar Belo-Horizonte pela largueza panoramica que nos oferece.

A Rinchôa. Por mais que busque e rebusque não lhe atino com a origem nem com a significação. O que quererá dizer esta palavra, mal soante e feia, aplicada a sitio tão paradisiaco de encantos? Ignoro-o por completo. Talvez que o meu amigo Alvaro Neves, que mora um pouco mais acima, nas Mercês, me possa decifrar a charada.

O que eu sei e o que eu posso afirmar, a todos os que, nas horas de estufa, das cervejas e das carapinhadas, suam as estopinhas, nessa Lisboa escaldante e quasi sem defeza, é que a Rinchôa é uma nêsga do Paraizo, perdida aqui a dois passos da cidade, com a Serra de Sintra, espinhaço de farpas ponteagudas, a barrar-lhe o horizonte a S. W., e com o mar ao fundo a listrar-lhe, em facha de prata velha ás horas do sol alto, a linha fronteiriça.

Pouca gente suporá, ao deslizar lá em baixo, na fita torcicolada do comboio, que este planalto das Mercês, tem ao sul, por entre sobreiros e eucaliptos, hortejos e pinheirais, uma aldeia linda de prazeres simples, quasi primitivos, com fontes gorgulejantes, quintas de encantamento, retiros de perfeita e monacal solidão, como nos oferece e nos dá esta Rinchôa que eu não sei porque se chama assim, mas que deve ter, no seu passado de lenda, algum vulto misterioso de moira encantada, á espera do seu Principe, que a liberte do eterno fado numa noite de luar purissimo.

* * *

A semana passada, cheguei aqui depois de um dia estafante de trabalho, no comboio das duas horas da madrugada.

Do apeadeiro a casa são cinco minutos de caminho, sem grandes pressas. Pois eu, apesar da cama me apetecer, gastei meia hora no trajecto. Estava uma noite de luar clarissima. Um luar de leite que tudo envolvia e a tudo emprestava uma como que volupia nostalgica, (se calhar digo asneira! Que m'a perdôe o sr. dr. Julio Dantas que é quem tem o monopolio destas frases), volupia suave, ternissima, que me dava a sensação duma noite de nupcias em que todo o universo astral compartilhasse.

Silencio profundo, apenas cortado de onde em onde por um pio sonolento ou pelo desafinado idilio de algum sapo notivago.

E ao fundo, á direita, os penhascos empolgantes, agressivos, da velha Sintra.

Palavra de honra que eu dei, nessa noite de poesia e de sonho, por bem empregado o ter vindo tão tarde, só para ter podido gozar este espectaculo formidavel de beleza!

A Rinchôa...

Mas que diabo quererá dizer esta palavra?

Rinchôa, Primeiro Domingo de Agosto.

JOÃO PAULO FREIRE

AO ARRANJAR AS MALAS

Não se esqueça de levar comsigo uma das nossas canetas com tinta garantidas para toda a vida, e ela será a melhor e a mais dedicada companheira da sua viagem e da sua escrita.

Concertam-se canetas de todas as marcas

PAPELARIA DA MODA—167, Rua do Ouro, 173

"A Peninha" "Rèstaurant"

O seu proprietario previne os seus Ex.mos amigos e clientes que reabriu êste acreditado "restaurant" na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este "restaurant" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os tambem aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario, que espera e agradece uma visita á nova

"PENINHA"

9, Rua Pascoal de Melo, 9-A (a Almirante Reis)

(Junto á fabrica de cerveja Portugalia) — TELEFONE N. 5582

Sortes grandes? só o ... as vende

78 — Rua de S. Paulo — 77

Quer a sorte grande? Habilite-se na tabacaria MADRID

Rua do Mundo, 115

Em Queluz

Dois saraus

Promovidos por D. Branca Belo de Carvalho, distinta pianista, realizaram-se, respectivamente, em 29 de Junho e 3 de Agosto, dois artisticos saraus musicais, cujo resultado foi brilhantissimo.

Resumimos a apreciação dos dois concertos, por serem quasi os mesmos executantes de ambos.

Começamos pela menina Maria José B. C. da Costa Reis, de 12 anos de idade, que num trecho de Mendelssohon evidenciou grande vocação para o piano e promete vir a ser uma artista.

Maria Isaura Pávia de Magalhães, nossa já conhecida "virtuose" de violoncelo, continua sempre dominando a tecnica do seu dificil instrumento em peças de tão grande responsabilidade, deixando-nos sempre maravilhados, parecendo que tudo aquilo é facil....

Celeste Belo de Carvalho, que tocou no seu violino dois numeros de execução transcendente com muita correcção e foi muito aplaudida.

Branca Belo de Carvalho Rosa, que arrebatou a assistencia com a execução dos seus solos de harpa e foi delirantemente aplaudida.

A gentil actriz Mademoiselle Fernanda Varela, que disse primorosamente as suas poesias, sendo obrigada a bisar, disse ainda a "Minuette" de Julio Dantas, como artista que é.

José Santos, distinto violinista, que tocou brilhantemente as "Danças espanholas", de Rehfeld, por forma a entusiasmar o publico, que o aplaudiu calorosamente.

Madame Hortense Fontana, ilustre professora de canto, cantou como verdadeira artista, dando a maxima intenção dramatica aos trechos de opera e leveza e graça ás canções portuguesas e espanholas.

A distinta amadora de canto, Madame Armenia de Morais Pinto Duarte da Silva, que tem uma voz extraordinariamente maleavel e de timbre cristalino, fez-se ouvir em varias "romanzas" e deixou-nos prever que executaria a primor o papel de "Manon Lescaut", de Massenet, se um dia se decidisse a desempenhá-lo, pela forma como cantou o dueto do 1.º acto com o tenor José Maria Rosa.

Fechamos com chave de ouro referindo-nos a este joven artista que, como um astro luminoso, desponta no horisonte desta nossa linda terra, em que tão pouco incentivo se dá á arte musical.

A sua voz, que talvez não erremos muito dizendo que é a unica que em Portugal está rigorosa e escrupulosamente cultivada, alia completa intuição musical e arte, conforme demonstrou pela maneira como executou todos os numeros do programa.

Tivemos duas autenticas noites de arte, pelo que felicitamos a sua organizadora, a qual acompanhou ao piano todos os solistas.

«Terras de Portugal»

O n.º 20 da revista "Terras de Portugal", agora publicado, é dedicado ao Algarve, inserindo magnificas gravuras das principais estancias de turismo daquela região.

DOENÇAS NERVOSAS

do estomago e intestinos

Duas salas de duches — Banhos de vapor e carbo-gazosos — Electroterapia, massagens, Raios U. Violetas — Distermia

Gabinete Hidroterapico

Avenida da Liberdade, 12

ESTABELECIMENTO HIDROLOGICO — DE — SALUS-VIDAGO

Aberto de 1 de Julho a 30 de Setembro

Inscripções:

Medicas . . . . . . Esc. 25$00

Aguas . . . . » 20$00

Duches, banhos diversos e aplicações.

Tabela de preços inferiores aos das outras Estancias e com desconto por series.

Aguas minerais gratis ás refeições, para uso dos hospedes do Salus-Hotel inscriptos na n/Estancia.

UM ENSAIO CRITICO

O professor Ricardo Jorge

e a sua obra scientifica e literaria

VISTOS

pelo sr. dr. Eduardo Coelho

Foi hoje posto á venda nas montras das livrarias um livro sob todos os aspectos cheio de interesse. E' uma monografia em que o sr. dr. Eduardo Coelho, assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa, e secretario da redacção da *Lisboa Medica*, historia e comenta a alta figura e a formidavel obra scientifica e literaria do sr. professor Ricardo Jorge.

Se não fosse bastante o motivo deste livro para o assinalarmos nas colunas do nosso jornal, seria sua bem forte recomendação o perfil intelectual do seu autor.

O sr. dr. Eduardo Coelho, que em 1923 publicou um magnifico estudo de psicologia intitulado "Das relações do estado cerebral com o estado mental — O criterio biologico em neurologia", que lhe serviu de tese inaugural, tem na já enorme lista dos seus trabalhos algumas importantissimas contribuições para o estudo de varios problemas de pura biologia ou em relação directa com a patologia e a terapeutica.

Não se limitam, porém, á biologia e á psicologia, a ansiedade do seu espirito e as exigencias da sua cultura. O sr. dr. Eduardo Coelho, um dos poucos jornalistas medicos do País, na verdadeira realização destes atributos, procura dar aos seus escritos a devida tempera literaria, servindo-se duma linguagem que para muitos ha-de passar por "classica" simplesmente porque é correcta e porque é formosa.

Esse seu intimo prazer em apurar a expressão literaria das ideias anuncia o seu temperamento de escritor. Aos nossos leitores damos um excerto do novo livro:

Nado e criado no Porto, nessa «velha burgueza, mãe do Portugal, que ela criou, vestiu de ferro, e fez nação, robusta e destemida, entre os seus braços e sobre a amurada das suas naves», que guarda em seus escrinios os pergaminhos da nacionalidade, em casa humilde, acarinhou-o o lar de uma santa familia, educou-o o exemplo do trabalho do pai, que mourejava o dia inteiro, ganhando o pão com o suor do seu rôsto crestado pelo calor da forja.

Ricardo Jorge recorda numa pagina do *Ex imo* — exemplo acabado e imorredouro da beleza creadora do vocabulo da nossa lingua e da saudade dos que nesceram nas terras de Entre-Douro e Minho — a sua vida de infancia, entre a ternura da mãe e o sonho do pai, que na refrega da forja cantarolava as ambições que lhe iam no coração.

... ...

Entre a ternura da mãe e a alegria do pai se aqueceu o seu espirito e se formou o seu caracter.

Foi a mãe quem lhe inspirou o escrever e o ler. O que havia de ser o mais rico prosador do nosso tempo esbarrava aos dez anos nos estereis exercicios de composição com que o torturavam na escola. Era, então, a mãe quem lhe ditava os exercicios. Com ela aprendeu a admirar Camilo nos folhetins do *Comercio do Porto*. Ela lhe deu o gôsto pela historia da sua terra, que ele mais tarde havia de escrever, recordando reminescencias ouvidas e respigando dos arquivos o manancial inédito que emprestou a materia prima ás *Origens e desenvolvimento da população do Porto*.

* * *

Ao tempo em que Ricardo Jorge frequentava o liceu, era ainda o Porto um grande foco literario onde as letras medravam a olhos vistos. Sôbre essa epoca ha notas dispersas, principalmente em *O Porto por fora e por dentro*, *O Porto de ha 30 anos*, *A Praça Nova*, de Alberto Pimentel, em Camilo, Julio Cesar Machado e Ramalho aqui e além, imenso material colhido e reunido por Sampaio (Bruno) em *A geração nova*, nos três volumes dos *Portuenses ilustres*, em *O Porto culto* e em *Os modernos publicistas*. Ricardo Jorge historiou em parte a feição letrada do Porto desse tempo em alguns dos seus livros, particularmente no *Ramalho Ortigão* e no *Camilo e Antonio Aires*.

O periodo literario da Sociedade do Porto, que antecede o Cenaculo coimbrão e abrange ainda a infancia de Ricardo Jorge, desses bons burgueses de Riba-Douro, é dos mais brilhantes e caracteristicos do Velho Burgo. Nele se distinguiam: Camilo na prosa. Na filosofia, Pedro de Amorim Viana, que em *A defesa do racionalismo ou analise da fé* despega com logica segura a doutrina do judeu Spinosa — qualificado por Camilo de «um livro inolvidavel de filosofia saturado de criterio germanico»; e no *Compendio de pilotagem* mostra, como o seu homonimo matematico do seculo XVI, o atrazo de cultura dos que entre nós exercem a arte de navegação. Na poesia, Guilherme Braga, Soares de Passos, Pinto Ribeiro, Ernesto Pinto de Almeida, Pedro de Lima e, acima de todos, Manoel Duarte. Cavaqueadores e homens de sociedade, como Antonio Girão. Romancistas e eruditos como Arnaldo Gama e Coelho Louzada, que realizaram vitoriosamente o romance historico. Na sciencia economica, Rodrigues de Freitas. E no dandismo Ricardo Brown, o Brummel da Praça Nova.

Pelo meio dia, enrhiam a porta da livraria Moré, á esquina dos Loios, explorada por José Gomes Monteiro, grande erudito e tradutor de Heine, onde era raro faltar Camilo, de casaca azul de botões dourados, a cartola de abas e as botas de cano alto, o Visconde (depois Conde) de Azevedo, os mais cotados professores da Escola Medica e da Politecnica, e Ramalho, que se distinguia já pelo desempeno do fisico, pela janotice do trajar, e que havia de sacudir o país com as *Farpas*.

Ao cair da tarde, faziam a sua entrada no café. Os botequins do Porto constituiram em todo o tempo centros de academias literarias. O *Café Guichard*, situado nos baixos do edificio dos Congregados, embora tôsco e pouco limpo, conservando as aparencias tradicionais do antigo botequim, tornou-se afamado em todo Portugal. Gomes de Amorim comparou-o a uma taberna inglesa. Julio Cesar Machado descreve-o desta sorte: «A sociedade mais confusa vai ao Guichard-botequim, celebre pelos romances, pelos folhetins, e que deve, creio eu, á literatura a sua reputação, visto ser tão feio que não pode devê-la aos freguezes!...»

Dos escritores que frequentavam o *Café Guichard* — «ultimos rapazes que souberam conversar no Porto», disse Ramalho — contam-se Camilo Castelo Branco, Evaristo Basto, Antonio Girão, Arnaldo Gama, Coelho Lousada, Amorim Viana, Delfim Maia, Augusto Soromenho, Ricardo Guimarães, Faustino Xavier de Novais, Antonio Aires de Gouveia, Camilo Aureliano da Silva e Sousa e Ramalho Ortigão.

No *Café Portuense* (hoje *Suiço*) reunia-se todas as tardes a «nova geração literaria do Porto» — assim denominada por A. Pimentel — constituida por Guilherme Braga, Custodio José Duarte, Ernesto Pinto de Almeida, Pedro de Lima, Alexandre da Conceiãço e José Dias de Oliveira. Esse café era, como o denominou Alexandre da Conceição, «o teatro das nossas conferencias literarias».

Do pesado meio comercial, rotineiro e eivado de snobismo, destacava-se, em flagrante contraste com ele, uma mocidade literaria buliçosa e iconoclasta, que vestia casaca ou sobrecasaca abotoada até o pescoço, trazia pistolas no bolso e á volta do pulso uma aza de coiro prendendo uma moca. Aquela degenerou no fiosinho de ouro com que o damismo da mocidade nossa coetanea caracteriza o seu porte e a sua produção literaria.

O Porto realizou sempre os cenaculos onde alguns dos seus homens mais representativos nas letras se agrupavam.

Ficou celebre o Cenaculo das Aguas Ferreas, em casa de Oliveira Martins, e o da rua do Bomjardim, na padaria de Sampaio (Bruno), em que este, ao balcão, discutia Kant e Hegel com Bazilio e Junqueiro.

Foi tradição que não se perdeu. Ainda no meu tempo do liceu do Porto, Sampaio (Bruno), a quem o meu espirito tanto deve pelas consultas bibliograficas que insistentemente lhe fazia na Biblioteca Municipal do Porto; Junqueiro, que conheci na sua casa da rua da Alegria; Pazilio Teles, talento peregrino tão mal compreendido; Duarte Leite, um dos cerebros mais bem organizados e mais cultos do norte; Julio de Matos, que conheci com a sua garridice de dandismo nas lições de psiquiatria dos domingos, no Hospital do Conde de Ferreira, onde os do meu tempo do liceu acorriam a ouvir a sua palavra elegante e clara; Manuel Laranjeira, alto espirito de artista tão precocemente desaparecido; ainda no meu tempo, estes homens agrupavam á sua volta alguns dos mais devotados á vida espiritual.

Depois veio a *Renascença Portuguesa*. E hoje, os que ficaram desta, alguns professores da Faculdade de Letras, os grupos das revistas *A Aguia* e *Portucale* continuam a manter a tradição dos cenaculos portuenses, meio literario inconfundivel.

... ...

O Porto manteve até tarde «os serões», tradição infelizmente perdida, onde se sabia conversar sôbre arte, literatura, sciencia e politica, onde aparecia a noticia, a leitura e a critica do ultimo livro. A um desses «serões» muito ficou devendo Ricardo Jorge, que assim o descreve:

«Li pela primeira vez as *Farpas* das mãos de uma senhora e a orelhas de senhoras. Foi numa casa da rua do Almada, casa talhada no molde tradicional das moradias do burgo, familia do quilate moral das que Julio Dinis deixou retratadas nos seus romances do interior portuense. Vivia ali o dr. João Xavier de Oliveira Barros, lente da Escola Medica, alma tão boa e tão sã, alma de santo. A' sua sombra devotadamente paternal se acolhera a irmã D. Rita de Matos, com quatro crianças, quando uma morte estupidamente precoce lhe fulminou o marido, o dr. Marcelino de Matos, advogado e poeta, orador e tribuno, prostrado precisamente quando uma vitoria eleitoral, renhidissima, ganha ao fogo nutrido do seu verbo arrebatado, lhe abria de par em par as portas da sua carreira politica, sem limites de ambição nem de gloria; Camilo e Ramalho a cada passo o nomeiam, sempre que perfilam as superioridades da epoca.

«Na mais velha dessas crianças, então meu inseparavel camarada no Liceu de Santa Catarina, frutificou ao maximo a memoria herdada do pai e a dedicação adorada do tio; é o dr. Julio de Matos, uma das mais claras figuras intelectuais da minha geração.

«Dos doze anos aos quinze vivi, eduquei-me e afeiçoei-me naquele meio tonisante de senso, virtude e estima, acarinhado com extremos de filho. A mãe de Julio de Matos era uma senhora inteligente, viva, ledora, atilada e critica, que adivinhara o talento de Julio Dinis, mal luziram os seus primeiros versos no rodapé do *Jornal do Porto*; encantaram-na logo as *Farpas*, que se comprazia em lêr-nos em voz alta. Aos sabados, á noite, nas veladas do chá, em que se reuniam as familias amigas, D. Rita, que me concedia dicção de recitador, mandava-me lêr ás senhoras e ás meninas o ultimo numero, que ela amorosamente sacava da sua mesa de costura».

Neste meio e nesta convivencia tão aprimorada devia Ricardo Jorge apaixonar-se pela cultura das boas letras.

Frequentou o liceu, tendo por companheiros alguns rapazes de talento, mais tarde homens notaveis. Foram seus coevos no liceu do Porto, então o melhor do país, José de Sampaio (Bruno), Bazilio Teles, Julio de Matos, José Alpoim, Tito Fontes, Maximiano de Lemos, José Augusto Vieira, Antonio Arroio, Emidio de Oliveira, Francisco Maria Esteves Pereira, Julio Frandhini, Alfredo Carvalhais.

De «os do Liceu», que em talento constituiam legião, saíram algumas das maiores figuras nas sciencias, nas letras, no jornalismo e na politica. Foi uma geração propiciada para altos destinos.

Ricardo Jorge é dos maiores.

No liceu, e depois na Escola Medica, foi Ricardo Jorge o primeiro do curso, num tempo em que a pleiade dos bons estudantes abundava.

... ...

COLEGIO DE PORTUGAL

Palacio Castelo Melhor — DAFUNDO —

Este colégio recomenda-se pela sua privilegiada situação e pelos admiraveis metodos de ensino adoptados, largamente comprovados pelos resultados obtidos nos exames oficiais. Em 7 anos lectivos uma unica reprovação nos exames de admissão aos liceus. Ao Colegio de Portugal foram conferidos 2 dos 3 premios Midosi distribuidos nesta epoca pelo Liceu de Passos Manoel.

A secretaria do colegio está aberta para preenchimento de vagas existentes nas classes de instrução primaria, secundaria e curso comercial.

Recebem-se alunos internos, semi-internos e externos.

PARA CAMPO E PRAIA

Os melhores calçados perfurados e entrançados em diversos modelos, para senhoras, proprios para campo e praia, desde Esc. 75$00, assim como sandalias e outros calçados para creanças de todas as idades a preços baratissimos, encontram-se á venda

na SAPATARIA CHIADO 96, Rua Garrett, 98—Tel. C. 3681

na CORDONNERIE DU PARC Parque do Estoril

Sortes grandes?

só o **PINA** as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Estoril-Termas

No edificio do estabelecimento termal está aberto ao publico o Hotel Parque, com magnificos quartos, todas as comodidades e optimo serviço de meza.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,45—«O processo de Mary Dugan».
Politeama — A s 21,45 — «Charivari».
Ginasio—A's 2 ,45.—«A Cova da Piedade».
Apolo — As 21 e as 22,45. — Mulheres e Flores» na 1.ª sessão - Exposiçao de Sevilha» na 2.ª
Maria Vitoria—21 e 22,45—«A Rosa Engeitada».
Variedades — A's 21 e 22,45—«Chá de Parreira».
Parque Mayer — Explanada Egipcia—«Ouro sôbre azul».

ANIMATOGRAFOS

Tivoli — A s 21,15.
Central Cinema—A's 21,15.
Olimpia—Das 11,30 as 0,30.
Cinema Condes—A's 21.
Chiado Terrasse—A's 20,30.
Salão Ideal — A s 20,30.

Sumauma Nacional
A 4$00 O KILO
—Estrangeiras ao melhor preço—
COLCHOARIA CENTRAL
128 — RUA DOS FANQUEIROS — 130
TELEPHONE C. 1161

LUXO OVO
(S.ta CLARA)
Porque não experimenta este sabonete?

Policlinica Central de Lisboa
Para as classes pobres
Praça Luiz de Camões, 22, 2.º-Esquerdo
Telefone—Trindade 1043

Dr. Borges de Sousa—Doenças dos olhos—10 horas.
Dr. Henrique Pastos—Rins e ap.º urinario—11 1|2.
Prof. Egas Moniz—Nervosas e mentais—3.
Dr. Mello e Faro—Doenças das creanças—3.
Dr. A. Burguete—Estomago e intestinos—10.
Dr. San'Ana Leite Ouvidos, nariz e garganta—12.
Dr. Albino Valente - Pele e sifilis—1 1|2.
Dr. Figueiredo Valente—Medicina geral, coração, pulmões—1 1|2.
Dr. Torres Pereira—Cirurgia geral—3
Dr. Oliveira Luzes—Fisioterapia, massagem, etc.—1 1|2.
Dr. Freitas Simões—Doenças das senhoras—4.
Dr. Tiago Marques—Boca e dentes—10.
Dr. Eduardo Coelho - Circulação e nutrição—4.
Dr. Custodio [illegible] Analises clinicas.

Espumante branco — (S.ta Clara) —
Optimo sabonete, espuma abundante e untuosa
Vende-se em toda a parte

NÃO SOFRAM MAIS DOS PÉS
Os SAIS «DERMOXA» curam todos os males dos pés

MELHOR contra a TRANSPIRAÇÃO
Vendem todas as Farmacias, Drogarias e *Mario Brandão*, Travessa Nova de S. Domingos 9, 3.º — Lisboa.

A moda na Costa do Sol
e nas praias, para senhoras, homens e crianças. Modelo americano, exclusivo da
Chapelaria High-Life
53—Rua do Ouro—55

A marca de maior fama — e a que maior confiança inspira!

Quando um vendedor de pneus, ou de qualquer outro artigo «Goodyear», vos procurar para vos servir, êle procederá com absoluto conhecimento do valôr do que vende; será esta a unica fórma de vos poder demonstrar que, vendendo o melhor, êle vende, por isso mesmo, o mais barato.

A vossa satisfação será a sua recompensa, quando, mais tarde, voltar a procurar-vos, na certeza de que, novamente, lhe serão concedidas as vossas encomendas.

A vossa opinião será mais uma a comprovar o facto de que HA MAIS PESSOAS EM TODO O MUNDO USANDO «GOODYEAR» DO QUE QUALQUER OUTRA MARCA!

3-28-II

MOSAICOS
A maior producção de Portugal — os de melhor abrico
GOARMON & C.A
A maior fabrica do pais—Escritorio: Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21. Rua do Corpo Santo, 32—LISBOA. — Azulejos Cimentos — Louças Sanitárias.
OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUCÇÃO
Pedir catalogos e preços
Telefone C. 1244

PIANOS

e
Autopianos
Rolos
Musicas
Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA — Rocio, 56, 57, 58

POLICLINICA DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—*Dr. Armando Narciso*—5 h.
Cirurgia geral, operações—*Dr. Bernardo* [illegible] —4 h.
Rins, vias urinarias—*Dr. Miguel Magalhães* —10 h.
Pele e sifilis—*Dr. Correia de Figueiredo*—12 e 5 h.
Doenças nervosas electroterapia—*Dr. A.* [illegible] —2 h.
Doenças dos olhos—*Dr. Mario de Mattos*—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—*Dr. Mario Oliveira* — 12 h.
Estomago e intestinos—*Dr. Mendes Bello*—3 h.
Utero e anexos e operações — *Dr. Casimiro Affonso*—as 2 h.
Doenças da nutrição—*Dr. A. de Carvalho-Dias*—4 horas.
Doenças das crianças—*Dr. Filipe Manso*—12 h.
Boca e dentes—*Dr. Armando Lima*—10 h.
Raios X—*Dr. Aleu Saldanha*—4 h.
Analises clinicas—*D. Gabriela Beato*—4 h.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

SEMPRE FIXE vende-se, na Amadora, na «Favorita do Povo da Amadora»—Rua Gil Vicente.

NOS
GRANDES ARMAZENS DA BEIRA
R. DOS RETROZEIROS, 20 a 26

HA
SEMPRE NOVIDADES em casemiras para fatos
DESCALÇO, LTD.

DR. DRUMMOND BORGES
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
RAIOS-ULTRA VIOLETAS
Rua Garrett 74, 1.º — Telefone C. 2186
A's 3 horas

MUNDANISMO

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

Condessa de Fornos de Algodres, D. Emilia Caldeira de Bourbon Pinto Basto, D. Aurora Germana Pereira d'Eça Leal, D. Maria Luisa Viana Ferreira Pinto, D. Guiomar Maria Pinto Basto de Sousa e Meneses, D. Maria José Ribeiro de Faria, D. Maria Rosa Cunha Patricio, D. Eugenia Valente Teles da Sylva (Tarouca) e D. Cacilda Leite Vieira de Oliveira.

E os sr.:

D. João Carlos da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), José Maria Teles da Sylva (Tarouca), Luis Maryins Cardoso de Meneses (Margaride), João Viana Ferreira Roquete e Williams Teague.

Veraneios elegantes

"Vila do Conde, 5 de Agosto

Meu caro D. Nuno.—Na minha carta de 2 falei-lhe da inauguração oficial do Casino, que constituiu um verdadeiro acontecimento mundano, fazendo-se ouvir o magnifico quintoto dirigido pelo brilhante artista Horacio Borges, dançando-se até a uma da madrugada, no meio da maior animação e alegria, chegando por vezes a atingir o delirio; bem como dos melhoramentos que foram introduzidos no Palace Hotel, e do esplendido campo de jogos.

Hoje, começarei a falar das festas oficiais, cujo programa é verdadeiramente atraente: haverá varios torneios de «tennis» e de jogo de bola, corridas de cavalos, estas levadas a efeito por pessoa da familia Margaride, que é uma garantia de boa organisação, varios bailes infantis, jantares a americana no Palace Hotel, uma récita de caridade por amadores, com uma revista escrita por dois rapazes da nossa primeira sociedade, a que depois me referirei, visto que por enquanto constitue segredo, varios bailes no Casino, com ceia, sendo um de «cabeças», e ainda de uma festa automobilista patrocinada pelo Automovel Club de Portugal.

Todos os dias chegam aqui numerosas familias da nossa sociedade elegante, entre as quais me recorda ter visto as seguintes:

Condes de Margaride, dr. Carlos de Sotto Maior e familia, Luis Leite de Castro e familia, José da Fonseca Menéres e familia, dr. Alberto Meneres e esposa, Antonio de Mendonça Povoas, comandante Gabriel Teixeira e familia, dr. José Taveira de Carvalho e familia, D. José de Serpa Pimentel e familia, dr. Joaquim Pais de Vilas Boas e familia, dr. José Cardoso de Meneses (Margaride) e familia, dr. Alvaro Teixeira de Vasconcelos (Pascoais), dr. Vasco de Queiroz, dr. Eduardo de Azevedo Soares (Carcavelos) e familia, Ernesto Seára Cardoso, João Manuel Lopes, dr. Eduardo Machado e familia, D. Afonso Gullon e familia, dr. João Canavarro, Hermano de Melo Breyner Cardoso de Meneses (Margaride) e esposa, Carlos de Sousa Rego e familia, Anibal de Sousa Rego e familia, Henrique de Melo Breyner Cardoso de Meneses (Margaride) e esposa, José Julio de Carvalho Morais e esposa, Alberto Cardoso de Meneses (Margaride) e familia, João Cardoso de Meneses (Margaride) e familia, Eduardo Correia Barbosa e familia, general Carlos de Vasconcelos Porto e familia, Antonio Gouveia Mendes de Vasconcelos e familia, Arnaldo Henrique da Silva Soares e familia, Hugo Navarro de Aldrade Belmarço e familia, dr. Luiz Macieira e esposa, etc.

Sabado, 10, realisa-se no Casino, o primeiro baile em forma, para o qual o nosso querido Hugo está empenhadissimo em que revista extraordinario brilhantismo, tendo a orquestra «jazz-band» sido aumentada, o que faz prever uma noite de animação e elegancia. São esperadas familias da Granja e Povoa de Varzim.

O programa das festas particulares darei em outra carta, visto esta ja ser longa.—*Jorge.*

Na Costa do Sol

No Casino Internacional

Como previamos, o jantar á americana de ontem revestiu extraordinario brilhantismo vendo-se em redor das pequenas mesas, grande numero de familias da nossa melhor sociedade.

Alem de animada conversação dançou-se quasi sem interrupção até perto da meia noite ao som da orquestra «jazz-band» sob a direcção do violinista Vieira Pinto, orquestra que se faz ouvir de manhã ao almoço, a tarde a hora do «chá» e á noite ao jantar.

O «cha dançante» tanto do salão de festas do Casino, como o da explanada «Tamariz» foi elegantemente concorrido.

Amanhã «soirée» de gala em honra da grande vedeta cinematografica Dina Gralla, que esta entre nós filmando uma pelicula com o nosso compatriota o actor Artur Duarte, primeira produção luso-alemã, na qual será exibido um filme em que a artista desempenha o papel principal, intitulado «Amor de Bandido», completando o programa o documentario tirado a chegada da Alemanha dos mesmos artistas.

E' de esperar que a noite de amanhã seja elegantemente concorrida.

Casamentos

Em capela armada na residencia da sr.ª D. Rita de Sousa Lima Barros, no Porto, realizou-se o casamento de sua neta a sr.ª D. Maria de Sousa Barros Sacadura, filha da sr.ª D. Elisa de Barros Sacadura e do professor da Faculdade de Medecina do Lisboa, sr. dr. Sebastião da Costa Sacadura, com o sr. José Joaquim da Costa-Lima, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Teixeira da Costa Lima e do sr. Carlos da Costa Lima, já falecido, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo sr.ª D. Elisa de Lima de Sousa Guedes, e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. Manuel da Costa Lima. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Findo o acto religioso foi servido no salão de mesa um finissimo lanche, seguindo os noivos para a quinta da Folgosa, no Douro, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Realizou-se na igreja de S. Jorge em Arroios o casamento da sr.ª D. Carmen Campos Nazaré Lisboa, filha da sr.ª D. Isaura de Campos Nazaré Lisboa e do sr. João Nazaré Lisboa, já falecido, com seu primo o sr. Antonio Lisboa y Pujol, filho da sr.ª D. Maria Antonia da Nazaré Lisboa y Pujol e do sr. Antonio Pujol, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. José Gomes e Adriano de Morais.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residencia da mãe da noiva um fino lanche, seguindo os noivos para o norte onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

Pontos de reunião

No Central Cinema

Continuam marcando como um elegante ponto de reunião as ses ões neste belo cinema, onde as estrelas se sucedem quasi todas as semanas sendo o actual programa verdadeiramente atraente.

No Cinema Condes

Continua a empreza Castelo Lopes a fazer «reprises» dos melhores films, cabendo agora a vez, hoje «Miguel Strogoff», domingo e segunda «Mercado do Amor».

Em viagem

Em automovel partiu com sua esposa, sr.ª D. Margarida Farinhas e seus filhos Maria Dolores e Manuel, em digressão pelo país, donde seguira para Espanha, o nosso querido amigo sr. Camilo Farinhas.

—A' sua quinta da Alagôa, em Carcavelos, regressou das Pedras Salgadas com sua esposa, sr.ª D. Eugenia de Melo Breyner da Camara e sua filha, o sr. D. Vasco da Camara (Belmonte).

—São esperados no Palace do Bussaco os srs. Duque de Palmela, o professor da Faculdade de Medicina de Lisboa dr. Francisco Gentil, sua esposa a sr.ª D. Alda Cabral Gentil e filhos.

—Regressou do Gerez, ao Monte Estoril, com sua esposa a sr.ª D. Tomazia Ereira, o sr. Joaquim Ereira.

—Ao Monte Estoril, regressou da praia da Rocha o sr. Guilherme Cardim.

—De Cambon, onde esteve de visita a sua mãe e irmã, regressou o sr. Gil Lopes de Almeida, filho mais velho do industrial sr. Alexandre de Almeida.

—De Alenquer, partiu para S. Martinho do Porto, com sua familia, o sr. D. Vasco Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte).

—Com sua esposa a sr.ª D. Isaura Vaz de Araujo Sant'Ana e filho encontra-se ja em Cascais o capitão de Infantaria sr. Luis de Sant'Ana.

—E' esperado no Estoril, com sua esposa a sr.ª D. Sofia de Oliveira Portela, o sr. Oscar Portela.

—Está no Grande Hotel de Italia, passando uma temporada com sua esposa a sr.ª D. Maria Fernanda de Castro e Quadros Ferro, e seu filho, o nosso presado colega do «Diario de Noticias» sr. Antonio Ferro.

Doentes

Duma grave enfermidade de figado, foi operada pelo ilustre professor dr. Augusto Monjardino, a sr.ª D. Alice Ferreira Pinto Bastos Fernandes Marques, esposa do sr. dr Manoel Fernandes Marques.

COSTA DO SOL
HOTEL DO PARQUE
ESTORIL

Grande Hotel d'Italia
Mont'Estoril

Não mais Tabaco "Bird's Eye"
A TABAQUEIRA pôs á venda o tabaco
"MELRO"
Tabaco fio de ouro que é ouro em fio!
Tabaco genero inglês — Gosto dos Rajahs
Corte especial, bem engadelhado
Cada pacote é uma verdadeira e loira cabeleira cheia de fragrancia e perfume
PREÇOS EXCEPCIONAES:
Pacote de 50 gramas .... Esc. 7$00
Pacote de 25 gramas .... Esc. 3$60
Envolucros em papel pergaminho, colado
Peso liquido efectivo em cada pacote

NAO HA CAFE COMO O DE
"A PAULISTANA"
CASA ESPECIAL DE CAFE DE S. PAULO (BRASIL)
Gerência de ADRIANO TELES
Os nossos estabelecimentos de venda de café do Brasil torrado, em grão ou moido e ás chavenas, segundo o sistema "Expresso", já se encontram abertos ao Publico no
Largo de S. Domingos, 12
e na
Av. Fontes P. de Melo, 52-A e 52-B
Enviam-se prontamente a domicilio todas as encommendas feitas no nosso escritorio
Largo de S. Domingos, 12
ou pelo TELEFONE N. 3887.

COMPANHIA PORTUGUEZA DE TABACOS
ARRENDATARIA DAS FABRICAS DO ESTADO
VIRGINIA
Antiga e conceituada marca de picado de legitimo tabaco VIRGINIA, empacotado em volumes de
25 gramas ao preço de Esc. 2$00
Encontra-se em abundancia no mercado

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Sortes grandes?
só o PINA vende
76 — Rua de S. Paulo — 77

Condes

As Mulheres na Guerra

—

Miguel Strogoff

A Cidade

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias—Venereologia e sifilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas—Telefone 5205 N.

Chá das cinco

A criança que chora

(Notas dum diário de bordo)

A bordo ha uma criança que chora. Todas as crianças choram mais ou menos — e de que maneira, a bordo! — mas esta já notei que não chora como as outras.

Não deve ter mais de quatro anos. O tom da pele denuncia o "meia-casta". O cabelo, no entanto, é liso. Vem do Dilolo para educar num colégio de Lisboa. Não fala senão quioco. Acompanha-o uma pessoa de familia.

De manhã, irrompe no deck como um animalzinho que, após uma noite de prisão na jaula do camarote, recuperasse a liberdade. Encosta-se á amurada, deita o nariz de fora e deixa-se ali ficar horas inteiras a vêr o mar. Espectáculo inédito para os seus olhitos infantis, que estavam apenas habituados ao horisonte fechado da floresta sem fim.

Depois de ter bebido todo o azul que os seus olhos negros comportam, volta-se para dentro e chora. Chora baixinho, como uma pessoa crescida. Adivinho nele uma alma sensivel, uma alma que se sente abandonada nesta imensidade azul, uma alma sem carinho e sem rumo, sem ternura e sem confôrto.

Ao primeiro contacto, chora e foge, como um selvagenzinho. Depois, habitua-se a mão que o acaricia. Vai atrás dela como o cão atrás do dono.

Compraram-lhe brinquedos. A principio, teve medo. O amolador de tesouras que deita lume pelos olhos acordou nele uma superstição ancestral, um vago terror de magia negra. Insistiram. Acabou por se habituar, por achar graça. Humanizou-se.

Ontem, levaram no pela primeira vez ao cinema. Riu de tudo, até das situações mais trágicas, com um riso metalico e fino, um risinho africano.

A pouco e pouco, tornou-se a mascotte de bordo. Ja se chega a nós, já se enrosca ás nossas pernas como um gato Angora, familiar e aveludado.

E' natural que este produto café com leite dum cruzamento de sangue português amanhã seja médico, advogado, engenheiro. (A nossa politica colonial acolheu sempre bem os filhos de côr que vêm á Metrópole beber o leite da sciencia na têta úbere de Minerva). Do que êle não se esquecerá nunca, por certo, é do seu quióco natal, das lágrimas de nostalgia que chorou em frente do mar e daquele amolador de tesouras que deitava lume pelos olhos — e que foi, sem dúvida, o seu primeiro boneco civilizado, o seu primeiro ponto de contacto entre o mundo negro que deixou lá em baixo nas margens do Luau e a Babilonia branca e tumultuosa que o espera á sua chegada a Lisboa.

Norberto Lopes

O NOSSO CONCURSO

ADIVINHAS ESGOTADAS

Por estarem esgotadas as Adivinhas n.os 3, 6, 14, 31 e 34, e para atender pedidos de concorrentes que reclamam os exemplares correspondentes para preencherem as 50 adivinhas, repetiremos amanhã todas as quadras das cinco citadas adivinhas.

O praso da entrega das cadernetas é prorogado até 20 de Agosto.

NacionaL

HOJE — ás 21,45

"O PROCESSO DE MARY DUGAN"

LISBOA MARITIMA

As colunas do Cais do Terreiro do Paço

O leitor já sabe que estão levantadas as colunas do... «Cais das Colunas».

Todos nós ouviamos chamar ao cais do Terreiro do Paço o Cais das Colunas.

Mas «das Colunas» — porquê?

Dizemos já, antes de entrarmos no assunto: as colunas monoliticas do cais, onde hoje atracam alguns barcos que vão e vêm para a Outra Banda, e onde se achegam os «bergantins riais» e os escaleres a gasolina dos cruzadores «strangeiros em visita — caíram ha umas boas dezenas de anos.

Eram duas colunas simples, de um unico bloco aí de 10 metros de altura.

Foi no Cais das Colunas que, quando Principe de Gales, desembarcou o futuro Eduardo VII. No ano... não sabemos ao certo.

Ora, quando Eduardo VII, já Rei, veiu a Portugal, no tempo de D. Carlos, manifestou, de Windsor, desejos de desembarcar no... Cais das Colunas, aquele onde está o *horse black* (o cavalo preto).

E já tinham desaparecido as colunas, uma por ter dado de si aos safanões das fragatas, e outro, logo a seguir, por ameaçar ruina.

Como satisfazer a aspiração do simpatico Eduardo VII?

Mandando construir «para inglês vêr» duas colunas... de madeira!

Eramos já homenzinhos, e vimo-las, todos. Duraram pouco tempo. Claro! Pôr colunas de madeira á beira Tejo, foi uma leviandade. E' como construir catedrais de cimento armado. Em verdade, no dia seguinte á partida do barco inglês que conduzia o Rei de Inglaterra — as colunas deviam ter sido apeadas. Não se devia esperar que o Tejo as roesse.

Agora a Camara fez erguer as colunas de pedra. Bem haja! Não são dois monolitos. Paciencia! São duas colunas aos pedaços. As colunas, como os homens, já não são inteiriças.

* * *

Se as colunas de ha meio seculo eram relativamente de pouca idade, e sem historia, o Cais, chamado das colunas, tem opulentas tradições.

Cais da Pedra — é o seu verdadeiro nome. As colunas é que destruiram a designação — para caírem depois.

Aí pelos fins do seculo XV aquilo era um lameiro ou areal sujo. Mas em verdade, ainda o Paço da Ribeira — espantoso, opulento, sumptuoso edificio ligado á historia das casas de Avis e de Bragança — não estava de pé, e já, em D. Manuel I, se projectava construir ali um cais. Foi em 1478. E vê-se no arquivo da Camara Municipal de Lisboa que uma carta régia de 20 de Agosto desse ano ordenava que além de outras obras se construisse ali um «cais de embarcação de bestas» (sic).

Só em 1500 se lhe dá desenvolvimento, para o «trauto da mercadoyra».

Lá diz o velho Damião de Goes: «mandou El-Rei fazer o cais da pedra, e taboleyros ao longo da praia». A Crónica de D. Manuel não mente.

O cais das colunas, onde desembarcavam «bestas», passou a desembarcar gentes, frutas, hortaliças, e mais tarde a deixar aproar bergantins riais.

E o que êle viu o Cais da Pedra! Touradas, torneios, justas, casamentos, procissões, devaneios de damas, paradas militares, conflitos armados, arruaças, motins, festas de regosijo, e autos de fé.

O primeiro foi em 20 de Setembro de 1540, e assistiu D. João III. Presidiu ao acto D. João de Melo, Bispo do Algarve, e fôram queimadas só 23 pessoas, para principiar.

* * *

O logradoiro publico, a contemplação e panorama do Tejo, com fainas de bandeira e... a descarga de melancias, começou em verdade com Filipe II em 1604. Construiu-se um parapeito. Puzeram-se-lhe bancos para os ociosos, e mulheres venderiam, acreditamos nós, alfenim e hidromel.

E defronte do Cais, fundeavam os navios de madeira, de enfunadas velas. Lá o canta um escritor anonimo da *Relação:*

Ultimamente, defronte
do torreão do terreiro
do Paço, as velas ferrando
com gran prazer fundo deram...

Etc. Lérias dos livros velhos.

* * *

Mas veiu o Terramoto — e acabou com tudo: palacio, capelas, bibliotecas, chafariz, arcos, torreões, portais, até com a topografia local. E o que não caíu — arrazaram.

O proprio Cais da Pedra desapareceu. Diz um escritor coevo: «o impeto das aguas desfez o formosissimo Cais da Pedra, que descorria na marinha do Terreiro do Paço...»

Mas em 1758 é que aquilo — pode dizer-se — omeçou a ser Cais das Colunas. O decreto de 16 de Janeiro de 1756 encarregou o capitão engenheiro Eugenio dos Santos — o que dá agora o nome á Rua das Portas de Santo Antão — de, com Mardel, reconstruir a Baixa. E o Terreiro do Paço á cabeça. E logo o Caes das Colunas.

E recomeçaram os arrais e mestres de faluas a amarrarem ao Caes.

Viam-se as colunas brancas de longe! De noite, eram dois farois. E de dia, luminosos de sol e imponentes, davam pequena idéia das colunas imponentes de S. Marcos, na Piazzeta.

E assim as viu o Principe de Gales. E assim, mesmo sem serem monoliticas, as estamos vendo nós, neste passeio retrospectivo, sem consequencias eruditas.

VELHO SILVA

Pelos teatros

«O processo de Mary Dugan»

Não ha memoria dum exito igual que, no teatro Nacional, só teve um outro que se assemelhou: a carreira e o triunfo da peça «O processo de Mary Dugan» suplantando a celebre peça policial «Vinte milhões de dollars». Lisboa inteira quere ver a assombrosa obra da companhia Ester Ledo-Alexandre de Azevedo, em pleno sucesso, havendo já quem venha de varios pontos do paiz, propositadamente, para admirar o curiosissimo melodrama americano, que tem tanto de imprevisto como de original e inedito. Repete-se hoje para uma nova e formidavel enchente.

Atrás do reposteiro

Parte no dia 22 para a Madeira, estreando-se no dia 25 no Teatro-Circo do Funchal, a nova Companhia Stichini Santos, que ali vai representar revistas, operetas, comedias, «sktchs», etc., formada pelos artistas: Dinah Stichini, Maria Santos, Lubelia e Tereza Stichini, Maria Reis, Mario Santos, Leopoldo Santos, Fernando Izidro, tenor Baptista Diniz e Albino Esteves.

—Sóbe á scena na proxima semana, no Teatro Maria Vitória, a opereta «O Cabeça de Pau», estando, portanto, nas suas ultimas recitas «A Rosa Engeitada», que hoje se repete.

—Estreia-se hoje, no teatro de Vizela, a Companhia Auzenda de Oliveira, que está percorrendo as praias do Minho, passando depois ás do Douro e Extremadura.

—Começam no dia 12, no Teatro da Trindade, os trabalhos de reorganisação da revista «Pó de Maio», com que a Companhia Eva Stachino se estreia no Rio de Janeiro, com os novos elementos artisticos que são: Adelina Fernandes, Fernanda Coimbra, Luiza Durão, Maria Odete, Maria Ema, Augusto Costa, Mario Fernandes e Sales Ribeiro.

—A estreia de Lina Demoel, interpretando varios numeros da revista «Charivari», no Politeama, efectua-se na segunda-feira, assim como a de Emilia Candeia, que cantará fados e canções nacionais.

— Para cumprimento do disposto pela Inspecção Geral dos Espectaculos, estão-se ultimando varias obras no teatro da Trindade, findas as quais se estreará neste teatro, trazida pelo empresario José Loureiro, uma grande companhia de zarzuela, genero «chico», trazendo os melhores elementos artisticos de Espanha.

—A «Cova da Piedade» repete-se hoje, no Gimnasio, onde ha 36 noites se esgota a lotação.

— E' amanhã, sabado, que nos Recreios Desportivos da Amadora, com um magnifico programa, e com a colaboração de distintos artistas, se realiza a festa artistica da actriz Emilia Fernandes.

—O actor Rafael Marques está contratado para a nova companhia dramatica que vai funcionar no inverno, no Teatro Apolo e que tem como primeiras figuras femininas Adelina e Aura Abranches.

—A primeira peça nova a subir á scena no Teatro Gimnasio, na proxima epoca de inverno, é a comedia «Le lit nuptial» de Charles Méré. Os papeis principais serão desempenhados pelas actrizes Lucilia Simões, Amelia Pereira, Brunilde Judice, Constança Navarro, Erico Braga e Joaquim Almada.

GIMNASIO

A COVA DA PIEDADE

3 horas formidaveis de riso e gargalhada

Pavilhão Português — Parque Mayer

Variedades e cinema ao ar livre por 1$60 com entrada gratuita no Parque

HOJE — Sexta-feira, 9 — HOJE

Programa Metro Goldwyn Mayer

Estreia do filme especial em 7 actos

HISTORIA D'UM CRIME

notavel interpretação de Joan Crawford e Carmel Myers.

Penultimo espectaculo em que toma parte a bailarina classica

LINE DESROSES

Amanhã e dias seguintes estreias dos filmes:

"O boxeur por amor dela"

Segunda-feira, 12 — "O Rei dos Cowboys".

Terça-feira, 13 — "A Tentadora".

Quarta-feira, 14 — "O cavaleiro do amor".

Quinta-feira, 15 — "Sempre a andar".

Sexta-feira, 16 — "Preconceitos"

AVISO — A nossa bilheteira á entrada do Parque abre ás 10 horas para a venda de bilhetes, que dão entrada no *Pavilhão Português* por 1$60, incluindo a entrada gratuita no Parque.

Teatro Maria Vitoria

TODAS AS NOITES — A's 8 3/4 horas e 10 3/4 da noite

A nova opereta

A ROSA ENGEITADA

na protagonista

ILDA STICHINI

Enorme exito artistico

Linda musica — Optima peça

Sortes grandes?

só o PINA as vende

78 — Rua de S. Paulo — 77

Dr. Armando Narciso
CLINICA MEDICA
P. dos Restauradores, 48-1.°
Telef. 5756 N.

A Cidade

TIVOLI
A's 21,15
POBRE PETE!

UM PROBLEMA IMPORTANTE

"Patrões e operarios teem de cumprir a lei do pão, para que nos possamos entender"

DIZ-NOS o coronel Mousinho de Albuquerque

O sr. coronel Mousinho de Albuquerque, militar energico colocado á frente da Intendencia Geral das Policias, tem estado em contacto directo com o problema do pão.

As suas declarações, preis as e categoricas, feitas hoje ao *Diario de Lisboa*, são o resumo de uma experiencia de algumas semanas e encerram um programa de acção para o futuro, no sentido de melhorar a qualidade, o fabrico e as condições de consumo daquele precioso alimento. Dai a importancia que elas, a nosso vêr, revestem.

Um pouco de historia

O coronel Mousinho de Albuquerque começa assim as suas delarações:

— Façamos um pouco de historia. Factos que andam na memoria de toda a gente, e outros que são ainda desconhecidos do maior numero.

"Um dia, os operarios panificadores vieram ter comigo, pondo claramente, desassombradamente, os seus objectivos: pretendiam que fosse modificado o horario do trabalho na parte que lhes dizia respeito. Fiquei de estudar o assunto, e estudei-o.

"Não me foi dificil concluir que aos pretendentes assistia razão plena. Era o trabalho nocturno que me impressionava, desde que a questão começou de ser posta? Era o trabalho ininterrupto, que me parece um pouco pior do que o trabalho nocturno.

"Porque, é preciso que isto se diga: o que existia nas padarias não se podia classificar de trabalho nocturno. Os operarios não trabalhavam de noite, apenas. Trabalhavam de noite e trabalhavam de dia. Trabalhavam sempre, em resumo.

"E sabe como se fazia o recrutamento dêsse pessoal? Trazendo-o da provincia, com a promessa da cosinha e do quarto. Por outras palavras: acenava-se-lhes com a promiscuidade para os trazer até Lisboa. Depois, quando a doença os impossibilitava e os organismos depauperados começavam a não prestar ao trabalho uma assistencia permanente e efectiva, reenviavam-nos á procedencia.

O salario era um detalhe, e por isso mesmo insignificante. O essencial era o quarto e a cozinha.

E que quartos, e que cozinhas!

Não quero dizer que, excepcionalmente, os não houvesse bons. Mas, de uma maneira geral.... melhor será que não insistamos nesse ponto.

O mais grave é que os operarios não dormiam. Não dormiam nunca. Tão depressa estavam deitados como se levantavam. Tinham que se levantar a cada instante para colaborar nos trabalhos de laboração. Depauperavam-se a breve trecho. Um horror.

Estou convencido de que a classe dos manipuladores de pão tem sido das que fornecem um contingente mais valioso para a enorme legião dos tuberculosos nacionais.

Compreendi eu, compreenderia qualquer pessoa no meu lugar, que aquilo não era vida e que se tornava necessario acudir a quem se debatia numa situação tão dolorosa.

E continuando:

—Em contraposição: que argumentos apresentavam os industriais de padaria para não deferir a pretensão dos seus trabalhadores? Dois, cuja importancia facilmente avaliará. Para eles o trabalho diurno era impossivel, porque não havia maneira de preparar o fermento a tempo e horas. Nunca eu percebi porquê. E demonstrei-lhes que, a tempo e horas, era possivel preparar o fermento e proceder a todas as demais operações.

Segundo argumento: o pão, com o trabalho diurno, teria que encarecer. Tambem não percebia. Pelo contrario, me parecia, e continua a parecer-me, que a laboração nocturna, nas padarias como em quaisquer outros oficinas, é que fica incomparavelmente mais cara.

Se o preço houvesse de sofrer alguma modificação era para embaratecer. Mas não. O que então se esboçava, e depois veiu a desenhar-se nitidamente, era a corrente de resistencia que eu procuro vencer, e hei-de vencer.

Os operarios queriam legitimamente o trabalho diurno. A escravatura acabou ha muito, em 1820. E os operarios panificadores, no fundo, eram autenticos escravos. Patrocinando a sua causa, julgo ter patrocinado uma causa inteiramente justa.

Com o então ministro do Comercio e presidente do Ministerio, sr. coronel José Vicente de Freitas, assentei os termos em que devia ser redigido o respectivo decreto, que veiu publicado na folha oficial e começou a cumprir-se em 1 de Julho.

Nunca mais as resistencias, sob as mais diversas fórmas, deixaram de aparecer na minha frente. Tenho procurado vencêl-as, já lhe direi porque processo. Hoje estou convencido de que os industriais se convenceram de que não vale a pena resistir mais tempo.

As esperanças na crise

Segundo capitulo da entrevista. Fala ainda o sr. Intendente Geral da Policia:

— Houve um momento em que os industriais de padaria julgaram ter a partida ganha. Foi quando da ultima crise ministerial. Um deles, estando de resto nas melhores relações comigo, chegou a aproveitar a ocasião para dizer que se iam, emfim, vêr livres da "sombra negra da ditadura".

Enganaram-se, nessa ocasião, e estou certo de que se enganarão sempre. Antigamente aconteciam essas coisas. Caia um govêrno, substituia-se o pessoal. Agora não. Eu, por exemplo, não me considero funcionario do ministro ou do partido X, mas funcionario da ditadura, mas funcionario do Estado. O caso, portanto, é um pouco diverso.

Nada se alterou no que estava estabelecido. Continuo a colaborar estreitamente com o sr. ministro do Interior e com o sr. ministro da Agricultura. A fiscalisação, sob todos os pontos de vista, vai intensificar-se.

De um lado vai intensifica-la a policia. Do outro a Bolsa Agricola. Deve ter lido as ultimas resoluções tomadas a respeito deste organismo, onde está um director novo e onde uma grande parte do que existiu deve ir ao ar. Não digo que lá não houvesse gente honrada, que a ha em toda a parte. Mas uma grande parte do pessoal encarregado da fiscalisação vendia-se. E' assim mesmo.

Então compreender-se-ia que na Bolsa Agricola não houvesse conhecimento desta fabrica clandestina ultimamente descoberta?

Sabe para que se destinava o produto nauseabundo que lá foi encontrado a secar? Para fazer bolos, os ricos bolinhos que nos são fornecidas nas pastelarias. Eles hão de querêr, decerto, desmentir. Pois eu garanto que era para bolos que se destinava. O cheiro disfaçar-se-ia com gengivre e outros produtos. Mas, como havia uma porta para o quintal, a Bolsa Agricola ignorava a sua existencia.

Patrões, operarios e publico

— Primeiro, prossegue o sr. coronel Mousinho, foi a questão dos fermentos. Sabe porquê? Porque os nossos industriais de padaria não sabem fazer pão. Porque os nossos operarios não sabem fazer pão. Em Portugal fabrica-se pão pelo mesmo processo porque se fabricava ha oitenta anos. E' o sr. Castanheira de Moura com a sua rotina. Já lhe tenho dito diversas vezes: feche, se não pode manter a laboração nos termos legais e com lucro para si. Isso sim, não fecha.

«Não fecha porque a industria de panificação é das mais rendosas, ia mesmo a dizer a mais rendosa que se explora entre nós. Sabe quanto se ganha com ela? No pão vulgar, de meio quilo, ganham em cada quilograma $58; no pão pequeno, fórma pão de Viana, ganham em cada quilograma 1$67. Eles virão dizer que não é exacto; pois eu garanto-lhe que é assim mesmo.

«O nosso industrial ignorava a aplicação dos fermentos artificiais. Começou a aplicá-los, e com exito. Além disso, para resfriar os fermentos no verão metia-lhes gêlo, estragando-os completamente. Ora, é preciso que o industrial se compenetre de que cada ofinica tem as suas condições privativas de laboração e que tem que se adaptar a elas. Por seu lado o operario tambem não sabe fabricar. Fabrica mal. Porque, hoje, faz-se de um ferreiro um padeiro com a mesma facilidade com que se muda uma cadeira de um lado para o outro.

«Está assente que se abra, o mais ràpidamente possivel, uma escola para manipuladores de pão. A essa escola serão obrigados a mandar os seus operarios todos os patrões. Além disso, aos operarios serão dados fatos proprios, fatos brancos de cuja aquisição se hão-de encarregar os proprietarios de padarias. Calça branca e blusa branca sem mangas, um fato simples, limpo, higienico. Torna-se necessario que eles saibam e possam corresponder ao esfôrço que nós vimos dispendendo.

«Quanto ao publico. Ele precisa tambem de começar a saber comprar e a saber compreender. Em primeiro lugar: não ha necessidade nenhuma de comprar, para a casa de cada um, o pão todo logo de manhã. Antes da guerra para cada casa ia o pão por duas vezes. Temos que regressar a esses hábitos. De manhã, compra-se o pão necessario para a manhã. De tarde, o pão necessario para a tarde. Todos devem convencer-se de que o pão não escasseia e de que, portanto, é sempre tempo de o ir buscar.

«Outra coisa: o publico convenceu-se, não sei porquê, de que só o pão branco é bom. Ora o pão branco pode ser péssimo, misturam-lhe gêsso e outras porcarias, e o pão que não é branco, o pão da provincia, por exemplo, pode ser optimo.

«Não ha que exigir pão branco; ha é que exigir pão bom. O publico precisa de se compenetrar destas duas ideias cuja aplicação lhe é inteiramente favoravel.

A moagem

Falando da moagem, diz o sr. Intendente Geral das Policias:

— A moagem tem sido um estado dentro do Estado. Esta situação tem de acabar. Como a vêm mantendo as pessoas interessadas? Comprando toda a gente. Os decretos sôbre a materia são feitos por moageiros. Criou-se uma rêde de interesses bem dificil de vencer... Por mim, já disse o preço porque me vendo. Como? Muito caro. Mas para entregar o dinheiro á Assistencia Publica e os compradores á cadeia, como tive ocasião de afirmar ao sr. ministro da Agricultura.

«Estou convencido de que a mesma coisa pensam as pessoas que, como eu, se encontram agora encarregadas de resolver a questão. Não me parece possivel nem a compra, nem a transigencia. A luta iniciada ha-de prosseguir até final.

«Sabe como eu a tenho mantido até hoje? Por um processo que me doi, mas o unico que dá resultado: aplicando multas. Multas a patrões e multas a operarios, indistintamente quando uns ou outros prevaricam. E os operarios prevaricam, muitas vezes, por conta dos patrões. Estou convencido tambem de que são estes que lhes pagam as multas. E' doloroso? E'. Mas é tambem radical.

«Em Portugal toda a gente sabe invocar direitos; ninguem sabe falar em deveres. Ora eu, de questões de direito nãc percebo nada. E' natural, é quasi certo que o processo que eu aplico não seja o que se encontra mais de acôrdo com as regras de direito, mas é profundamente moral. E posso garantir-lhe que é eficaz. Já resolveu o aspecto das horas de trabalho e dos fermentos. Ha-de resolver tambem o das farinhas.

«Para isso se tomarão as providencias necessarias. Como já lhe disse, estou colaborando com o sr. ministro da Agricultura. Ha, em quasi todas as fabricas de moagem, engenhos poderosos destinados a tudo moer, a tudo reduzir, a tudo triturar. Esses engenhos têm que desaparecer. Dentro em pouco devo receber ordem, não para os apreender, mas para os inutilisar, mas para os destruir. Para os destruir completamente, de forma que dêles não reste sequer a memoria. Em Portugal ha moagens que chegariam para abastecer de pão toda a Europa.

«Veja o exemplo da Companhia Nacional de Alimentação. E' a que mais mal paga aos seus operarios.

«Deixe-me dizer-lhe, de passagem, que o salario igual e o salario minimo são aspirações do operariado que trabalhamos para satisfazer.

«A ditadura tem de proteger os operarios. Nessa tarefa colaboro decididamente. não por habilidade politica, de que sou incapaz, mas porque sinto cá dentro essa necessidade.

Em Janeiro, o mais tardar, será publicada a organização geral do operariado português, qualquer coisa como a Carta de Trabalho, de Mussolini, mas para portugueses e para Portugal. Trabalha nela afincadamente alguem da maior competencia e honestidade.

«Voltando á Companhia Nacional de Alimentação. Quero contar-lhe uma anedocta.

«Um dia dois directores desse organismo procuraram-me no meu gabinete dizendo ser impossivel fabricar pão bom, pão identico a um pedaço que eu lhes mostrava e que havia levado de minha casa. Chamei um policia que presta serviço na Intendencia. Mandei-o á padaria de onde gasto. Veiu pão igual ao que eu como sempre. Préguntei ao policia qual a padaria aonde ele fôra buscar aquela maravilha. Sabe quem era o proprietario da padaria? Era a Companhia Nacional de Alimentação.

(Vêr cntinuação na 12.ª página)

O seu comercio - Alcantara - A sua industria

AMILTON A. D'ANDRADE

Séde e Armazens

Rampa dos Marinheiros-Alcantara-Mar

Em frente á Avenida 24 de Julho

Telefone Trindade 1187 Telegramas SUMETA

Importação e Exportação

Metais, Minerios e Residuos

Compra e vende toda a quantidade de sucata de metais, limalhas, residuos, navios para desmanchar e fabricas completas.

Consultai os preços desta casa e fixai bem o nome dela.

JOSE DE MIRA BOLETO

Cereais, Legumes e Sêmeas

Escritorio e Armazem: Av. 24 de Julho, 174-A, 174-B, 174-C.

Tele { fone Trindade 3231 / gramas—MIRALETE

CELEIRO DO CALVARIO

— DE —

SOUSA & MOTA, LTD.

Vendas por grosso e a retalho, aos melhores preços do mercado, de: Cereais, Legumes, Azeites e Semeas

ALCANTARA—Largo do Calvario, 2—Tel. Belem-342

SEDE E ESCRITORIO—Rua Cais de Santarem, 34 a 38—Tel. C. 3539—LISBOA

CASA HEITOR

SUCESSORES

Heitor, Alves & Vasconcellos, Ltd

Casa fuadada em 1880

A mais antiga de Alcantara

Mobilias e pianos - Estofos, oleados, passadeiras, etc.

Rua de Alcantara, 40, 40-A, 40-B, 40-C e 40-D

Lojas e 1.º andar

Deposito e oficina: R. da Escola Azyla. C. M. L.—Alcantara

LISBOA Telefone Belem 490

Pontes, Coberturas, Vigamentos simples e compostos, Boias, Reservatorios, Estructuras, Aparelhos Industriaes, Guindastes, etc.

L. Dargent, Ltd.

Construtores

TRAVESSA DO CONDE DA PONTE, 43

Telefone Belem 267

Santo Amaro--Alcantara LISBOA

CODIGO A. B. C. 5.ª EDIÇÃO

Telegramas Eldargent--LISBOA

Antonio João Urceira

A Mobiliaria do Calvario

Grandes Oficinas Electro-Mecanicas

Compra e vende moveis novos e usados Mobilias em todos os Estilos

Preços sem competencia

Estabelecimento e Oficina

LARGO DO CALVARIO 20, 21, 22 e 23

Alcantara LISBOA

Gama & Gama Filho, Ltd.

Carvão e lenha

Serração e Armazem:

ALCANTARA-MAR

Rampa dos Marinheiros, 8

Telefone T. 1521

PARAISO COMERCIAL

Armazem de viveres—Importação directa

Rua da Creche, 14, 16 e 18

Telefone 277 - BE - EM

LISBOA-ALCANTARA

Finissimos lotes de café

Fornecedor das principais familias do Bairro. Carnes e Queijos das melhores procedencias. Completo sortido de artigos nacionais e estrangeiros. Chás finos avulsos e em pacotes

*** F. R. PEREIRA DA SILVA & BORGES ***

Raul Cesar de Carvalho

COM

Fundição de Metais

Constroe todo o genero de trabalhos referentes á sua arte—Garantindo a sua perfeição e qualidade de Metais

Bronzes para movimentos de pequenas e grandes velocidades. Estatuas, Bustos, Medalhões e qualquer ornamentação em latão proprio para pratear ou dourar.

PREÇOS MODICOS

Rua Fradesso da Silveira, 57

LISBOA ALCANTARA

SENA SUGAR ESTATES, LIMITED

ALCANTARA-MAR AVENIDA DA INDIA

FARIA & ROSA, L.DA

Pastelaria e Confeitaria do Calvario

Rebuçados NEGRITAS, doce preferido de crianças e adultos, peçam nas bôas mercearias.

Lanches para Casamentos, Baptisados e Soirées, a preços muito reduzidos.

Rua 1.º de Maio, 2, 4 e 6

Telefone BELEM 365

LISBOA

Confeitaria União

Rua 1.º de Maio, 136 e 138 e Rua Luís de Camões, 2-A e 2-B

ALCANTARA

Pastelaria, Cervejaria e Frutaria

Serviço especial para casamentos, baptisados e soirées.

ROSARIA MADUEÑO DIAZ

FABRICA DE ALPARGATAS E SILENCIOSOS

RUA PRIOR DO CRATO, 17 ALCANTARA — LISBOA Telef. Trindade 1617

VENDAS PARA A PROVINCIA E LISBOA

J. B. LOPES, L.DA

Fazqueiro, retrozeiro, artigos de camisaria e lã francesa e nacional

Alfaiataria, com fazendas nacionais e estrangeiras

R. d'Alcantara, 1-A e 1-J

Alcantara-LISBOA

Telef. 254 — Belem

A. D. Resina, Lt.

Cereais, legumes e mercearias

Vendas por grosso e a retalho

27-A, Rua d'Alcantara, 27-D

Lisboa — Alcantara

A FUNERARIA

— DE —

Gustavo E. Baptista dos Santos

Encarrega-se de funerais e trasladações em todo o país—Grande sortido em corôas nacionais e estrangeiras—Urnas em mogno e pau santo—Caixas para corôas, berços em ferro, grades para sepulturas

Preços modicos—Serviço permanente

Grande sortido de artigos religiosos

DEPOSITOS—Patio do Fiuza, 22, T. de Alcantara, 10—ALCANTARA

SÉDE—Rua de Alcantara, 35-A—LISBOA Telefone: Belem 317

Fabrica de Alpargatas e Borracha

de José Rosa

A fabrica mais antiga de Alcantara—Unica premiada na exposição do Rio de Janeiro em 1923. Alpargatas e silenciosos de todas as qualidades.

FABRICA DE ALPARGATAS, 49, R. Fradesso da Silveira, 53—LISBOA.—FABRICA DE BORRACHA, R. D. Carlos Mascarenhas, 68—LISBOA.

SUCURSAES: R. Fradesso da Silveira, 67 e R. Poiaes de S. Bento, 18.

ESCRITORIO: R. Fradesso da Silveira, 45—Telefone BELEM 338.

BAIRROS EXCENTRICOS CITADINOS

ALCANTARA

Importante centro comercial e industrial

onde a vida se movimenta e agita em multiplas facetas de actividade

Diz Lord Byron, no *Child Herold*, referindo-se á nossa capital: «Que belezas não ostenta Lisboa ao primeiro relance do olhar... Vista de longe, parece celestial. Assim é. Lisboa, com uma situação admiravel, com as suas numerosas colinas, assás decorativas, oferece, vista da baía, um dos mais surpreendentes espectaculos que se possam imaginar.

Porêm, não é só das suas belezas naturais, dos seus magestosos monumentos, da sua incomparavel historia e da sua pugantissima literatura, que hoje pode viver uma grande cidade, como é a capital de Portugal.

Assim, Lisboa, não podendo fugir á regra geral de uma grande terra, tem tambem os seus bairros excentricos, onde se entrechoca a vida a flux e onde o movimento continuo e ininterrupto lhe dá um cunho muito especial. Alcantara, com as suas numerosas fabricas e a sua grande população operaria, oferece ao visitante um grande contraste com o coração da cidade. Ali, chama rubra, gritante, lábaro de progresso a arder, a chamejar, projectando o seu clarão vermelho, latejante de seiva, sôbre a complexa engrenagem que movimenta uma grande urbe, desdobrando-se em multiformes *nuances* que tem por *leit-motiv* o matraquear estrondoso e constante de variadissimos maquinismos; no centro da cidade — que é o exterior deste potentissimo organismo — belas edificações, luxuosos estabelecimentos comerciais e lindissimos jardins.

Alcantara tem tambem a sua parte historica. Tinha outr'ora a antiga *ponte de Alcantara*, de construção romana e onde em 1743 foi erigida uma estatua a S. João Nepomuceno, obra do italiano João Antonio de Padua e que está actualmente no museu do Carmo. Foi neste local que se feriu em 1580 a celebre *batalha da ponte de Alcantara*, entre as tropas do duque de Alba e as de D. Antonio, prior do Crato, em que os portugueses foram derrotados. Foi tambem neste sitio que, quando das invasões francesas, em 1809, se travaram sérios combates entre os portugueses e as tropas invasoras.

Alcantara, bairro trabalhador por excelencia, tem tambem, a par da sua grande industria, onde avolumam fabricas de muitos e variados artigos, entre elas a importantissima fabrica de conservas «Algarve Exportador, Ld.ª», que possui uma das grandes marcas de Portugal, no estrangeiro, a afamada marca «Nice», um bem montado e apetrechado comercio, tendo já hoje uma grande clientela e efectuando importantissimas transacções.

ALCANTARA — Fontenario do Largo do Quartel de Marinheiros

Ha ainda a notar, neste afastado e importante bairro da capital, a sua vida maritima, caracterizada por um sem numero de gente do mar, envergando os seus tipicos trajos, que partem ao dealbar, quer chova torrencialmente, quer ainda debaixo da ardencia canicular, para a sua constante labuta, para a sua ardua e espinhosa tarefa — nobilissima missão — de angariar o pão nosso de cada dia, para si e para os seus.

O mercado de Alcantara

Como sangue novo e generoso inoculado num velho organismo, a viação electrica gira impetuosamente, dando nova vida ás antigas arterias pombalinas. E' ainda de um ponto bem visinho de Alcantara, Santo Amaro, que parte essa impetuosa corrente, que veio dar um verdadeiro rejuvenescimento ás ruas do seculo XVIII, da capital, animando-as e ligando rapidamente, com toda a comodidade, os pontos mais distantes e citadinos.

Alcantara, com a «agua forte» da sua vida operaria, interessantissima sob todos os pontos de vista, muito especialmente á hora de terminarem os seus trabalhos, é um local de Lisboa que, por todos os motivos, merece ser conhecido. Povo probo, disciplinado e essencialmente trabalhador, merece a consideração de todas as pessoas que sabem apreciar quanto de importante tem para um país a educação dos seus obreiros. Honra lhes seja.

Ao falarmos hoje deste grande centro de actividade da capital, fazemo-lo com a maior vontade possivel, pois é de toda a justiça prestar homenagem áqueles que a merecem. Quando da nossa recente visita ao popular e laborioso bairro, visitámos, acompanhados gentilmente dos seus proprietarios, as modelares instalação da prospera Empreza Portugueza de Gelo, Ltd., admirando o seu moderno e belissimo material, que se pode bem dizer a ultima palavra, tornando-a assim uma das primeiras no genero no nosso país, constatando nós qual a vontade unanime de todos os seus habitantes para conseguirem enfileirar dignamente ao lado dos outros da cidade. Em Alcantara, tambem merece referencia a grande fabrica de alpargatas, a maior do país, pertencente á firma Repenicado & Bengala. Esta importante empreza, tem nos principais pontos do continente e ilhas, as suas bem montadas sucursais, onde fornece ao publico, aos mais baixos preços do mercado, os seus bons artigos.

E' fora de toda a duvida que, felizmente, uma ancia de progresso invadiu todos os lisboetas, sejam eles de que classe fôr. Assim, muito brevemente, os esforços unanimes de todos, forçosamente terão de dar fruto bastante produtivo: a «messe» será abundante. Não tenham disso duvida os nossos presados leitores.

A experiencia recomenda

Auto-Gazo

Gazolina anti-detonante

O seu comercio - Alcantara - A sua industria

REPENICADO & BENGALA, L.DA

Rua dos Lusiadas, 5

Telef. B. 280 **End. teleg. Alparborracha**

Se não fosse a unica seria pelo menos a primeira fabrica de solas, prancha e alpergatas de borracha que manufactura todos os seus productos pelos sistemas ultimamente adoptados no extrangeiro

Não façam as suas compras sem verem os nossos preços e a qualidade incomparavel dos nossos productos.

Depositos nas principaes terras do Continente e Ilhas

EMPREZA PROGRESSO INDUSTRIAL

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada — Estabelecida em 1884

Premiada nas Exposições Industriais: Porto, 1887; Lisboa, 1888 e 1893
Universaes de Paris, 1889 e 1900; S. Miguel, 1901; Rio de Janeiro, 1903

FABRICAÇÃO MECHANICA de parafusos de toda a especie, porcas, anilhas, rebites, escapulas, cavilhas, tirefonds, etc.

MATERIAL DE FIXAÇÃO para Caminhos de Ferro Telegrafos e Telefones

ALCANTARA — 23, 25, 25-A, Rua das Fontainhas, 27, 29

Telefone: 238-BELEM — Telegramas: "PREGADURA"

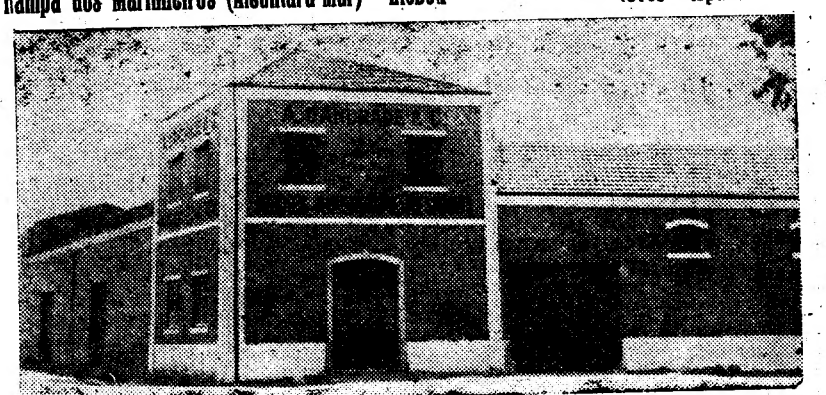
EMPRESA PORTUGUESA DE GELO, LIMITADA

Fabrica e escritorio
Doca de Alcantara, 50 (lado Norte) -- LISBOA

Telefone T. 5023

A. D'ANDRADE & C.A

METAES, MINERIOS E RESIDUOS METALICOS
Rampa dos Marinheiros (Alcantara-Mar) -- LISBOA
Telef. T. 3336 — Teleg. Wastores — Apartado 168



Compra e venda de todos os metais minerios e residuos metalicos ao melhor preço do mercado.
N. B. — Esta casa está situada mesmo em frente da estação de Alcantara-Mar.

NICE — Uma das grandes marcas de Portugal no Estrangeiro
ALGARVE EXPORTADOR, LDA — Alcantara-Mar — Lisbonne
TEL.: BELALGARVE-Teleg.: TRIND. 2454-Cor: APARTADO 206-Codes: A B C 5 th & 6 th-PRIVÉ

Usines à: LISBONNE-SETUBAL-LAGOS — POISSONS À L'HUILE D'OLIVE — Marques NICE: Sardines-extra — NICETTE: Sardines-Choisie — GINE: Sardines-Courante — BELNICE: Filets de Maquereaux — NICEBEC: Chinchards

SUCATAS

De Cobre, Bronze, Chumbo, Zinco, Aluminio, Ferro Fundido e Forjado bem como muitos outros artigos

taes como: Escadas de ferro direitas, bidons de varias capacidades, aço para ferramentas, ferro novo e usado para ferraduras, enxadas, lemes, etc., tubagem de varios diametros, barris servidos a oleo e a vinho, etc., etc,

Tem sempre em armazem e vende ao melhor preço

Antonio dos Santos e Silva

Rampa dos Marinheiros A. S. S. (Alcantara-Mar)

Tel. T. 4857 ═══ Telegrs. «Newtincut»

A maior casa exportadora de desperdicios de folha de Flandres

ANTONIO F. DA CRUZ

Serração de lenhas

Rampa dos Marinheiros, 40

frente á R. Tenente Valadim **Telef. T. 4173**

Lenhas de Sobro e Azinho ao melhor preço do mercado. Pinas para carroças desde de 1.00 a 2.50. Cubos, Raios de mangue a 1.00, a escolher. Maços para Calçeteiro a 25.00.

Société Générale Métallurgique

Estamparia e Latoaria em Folha de Flandres

Embalagens para azeite, manteiga, café, etc.

Chaves para latas de conservas

Folha de Flandres, chumbo, cobre, estanho e solda

160, Rua 24 de Julho TELE. { FONE: C. 683 e T. 4683 / GRAMAS: SOGEMET

LISBOA

SWING
LAMINA ESPECIAL PARA BARBAS RIJAS
CASA LEONEL - RUA DO CARMO, 71

ESTRANGEIRO

ARTI
Tintas para tingir em casa
são as melhores

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo
Dos Estados Unidos

NOVA YORK, 9

Segundo o correspondente do «New-York Times», desmente-se categoricamente que o aumento da taxa do Banco de Nova York, de 5 para 6 0/0, tenha qualquer relação com a situação do ouro na Europa, ou que Norman, governador do Banco de Inglaterra, tivesse procurado, na sua recente visita ao Canadá, o auxilio intermediario de agencias financeiras.

O rápido aumento dos emprestimos a agentes de cambio nas ultimas semanas indica que a enorme absorpção de crédito bancario por meios especulativos provocou directamente o gesto do Federal Reserve Board, que chamou o governador do Banco para discutir a situação.

A autorização dada pelo Board terminou com a longa luta dos muitos Bancos de Nova York, Boston e Chicago no sentido de obterem a taxa de 6 0/0. — (H.)

O «Conde Zeppelin»

NOVA YORK, 9

O Departamento do Estado interceptou uma mensagem do «Zeppelin» ás 18,30 horas, hora a que o dirigivel estava a 1.025 milhas a este de Nova York.

O vapor de carga «Tomalia» radio-telegrafou dizendo que avistou o «Zeppelin» ás 16,47 horas, a 600 milhas a este de Nova York. — (H.)

Um temporal em França

LYON, 9

Desencadeou-se um grande temporal sôbre a região da Franche-Comté, que degenerou num verdadeiro desastre. As colheitas de vinte comunas ficaram destruidas. O vento arrancou numerosos telhados, tendo derrubado arvores e arrancado mesmo tejadilhos de «wagons».

Avaliam-se os prejuizos em 50 milhões. — (H.)

MANUEL BARBOSA
Tratamento da asma
CLINICA MEDICA
Avenida da Liberdade — 18
Das 15 ás 17 horas
TEEF. N. 5967

POLICLINICA DO ROCIO
L. Camões, 19 (ao Rocio)—Telef. N. 3747
DR. A. PINA JUNIOR—Clinica geral e das crianças—13 h.
DR. CAMOSSA SALDANHA—Rins e vias urinarias—A's 11 h.
DR. CANCELA DE ABREU—Medicina geral, doenças nervosas—15 h.
DR. CORDEIRO BLANCO—Doenças dos olhos—11,30.
DR. CORDEIRO LOBATO — Garganta, nariz e ouvidos—13 h.
DR. F. MARTINS PEREIRA—Medicina geral, coração e pulmões—15,30 h.
DR. LUIZ OTTOLINI—Cirurgia das senhoras e partos—14,30 h.
DR. JORGE FALCÃO—Pele e sifilis—14,30 h.
DR. GENTIL BRANCO—Raios X.
DR. GONÇALVES VITERBO—Doenças de boca e dentes, ás 17 horas.

Maria Emilia Rosa, Directora da Agencia LUSITANA, Rua Fernandes da Fonseca, 25, 3.º, que tem honra em ser catolica militante, cumpre, nesta hora de lagrimas e de luto, o sagrado e triste dever de apresentar a todos os fieis e a SANTA IGREJA CATOLICA o sentimento do seu profundo pezar pela morte de S. Eminencia Reverendissima o Sr. Cardial Patriarca, e faz votos para que Deus o tenha em sua SANTA GUARDA.

Lisboa, 9 de Agosto de 1929

PELA HOLANDA

Impressões de Amsterdam

Nada pode dar uma impressão de repouso como a entrada num porto da Holanda, por uma linda madrugada de fim de Julho. O navio sulca vagorosamente as aguas profundas e escuras do canal, entre campos verdes e horisontes calmos e planos até o infinito.

Nesses extensos prados, as vacas pastam a erva suculenta e florida com um ar de completa beatitude, e nos caminhos que cortam as campinas, jovens, de bicicleta, dão o seu passeio matinal, sorvendo o ar fresco e tonificante das 6 horas. Num país onde existe a mais completa ausencia de ondulação no terreno, a bicicleta é o modo de locomoção preferido. Notei depois que nas ruas de Amsterdam ha relativamente poucos carros electricos e automoveis. Toda a gente anda de bicicleta! Desconfio que a propria Rainha e a Princesa devem ser ciclistas, tambem.

Logo de entrada, compreende-se que o caracter holandês deve ser forçosamente placido, pois aqui o nervosismo e as pressas tornam-se impossiveis, tão calmante para os nervos é o aspecto e a côr da paisagem, a qualidade do ar.

Ao mesmo tempo que é tranquilo, o holandês é, tambem, obstinado e previdente, acostumado como está a defender cada polegada do seu territorio contra a invasão do mar, que tenta submergi-lo. Faz mais. Numa luta paciente, titanica e tenaz, conquista sôbre o elemento liquido provincias inteiras, secando, por processos lentos e teimosos, golfos extensissimos, para transformá-los em provincias férteis, como aconteceu com o mar de Haarlem.

Agora, coube a vez ao Zuiderzee, que vai ser esgotado para dar ao pais mais um territorio de centenas de hectares.

Quando o povo holandês concebe um projecto de interêsse geral, nunca mais o perde de vista, até completa realização. Trabalha para um futuro longinquo e para as gerações vindouras, em vez de procurar satisfações imediatas e egoistas. Assim, tendo a visão antecipada do que será a marinha mundial daqui a um século, desde já se apetrecha e prepara.

* * *

Depois de deixar as nossas bagagens no Hotel Suisse, na Kalver-straat, que é como quem diz o Chiado da terra, vamos em primeiro logar visitar o Ryksmuseum.

"A tout seigneur tout honneur".

Nas primeiras salas, admiramos os pequenos quadros de "interiores„, em que os pintores holandeses são mestres. A ilusão da perspectiva é tal que certas portas abertas dão-nos a impressão de que realmente ha na tela um buraco pelo qual descortinamos a paisagem que está por detraz. Em alguns, de De Hoogh, se não me engano, vêem-se dois quartos de enfiada, com as suas respectivas mobilias, e pela janela do ultimo descobre-se a extensa campina neérlandeza.

Não se pode chegar a maior perfeição no desenho, não se pode exprimir melhor a intimidade e o sossego do lar.

O "Benedicite„ de Nicolas Maes é delicioso pela expressão de recolhimento espalhada no rosto da velhinha pedindo a benção de Deus sobre a sua frugal refeição.

Conheço muitos portugueses que, ao vê-lo, sentiriam os olhos marejarem-se de lagrimas, lembrando a fé profunda e inabalavel das suas mães, lá nas provincias....

Mas, passemos. De sala em sala, chegamos a uma galeria, onde um grupo numeroso de pessoas está extasiado diante duma tela de respeitaveis dimensões. Da porta, reconheço-a, por tê-la visto muitas vezes reproduzido.

Invade-nos uma emoção quasi religiosa.

E' o celebre quadro de Rembrandt que os franceses intitulam "Le syndic des drapiers„.

Em volta duma mesa, uns sentados, outros como que erguidos no calor da discussão ou talvez rara acolher alguem que entre na sala, os riquissimos mercadores, membros duma das poderosas associações da "Veneza do Norte", parecem viver. Nos seus rostos adivinham-se a energia e a "ruse„ de homens afeitos a vastissimos negocios e acostumados a domar a sorte passageira. Em todas as saliencias, a luz prende o seu reflexo dourado, a celebre luz dourada de Dembrandt, enigmatica, inimitavel....

Mas não me demoro tanto como queria, porque pressinto que, na sala imediata, vou encontrar a grande obra, a maior de todas, do genial mestre holandês: a prodigiosa "Ronda Nocturna„.

Não me enganei. Numa vasta sala, a tela repousa num degrau, ocupando um lado inteiro. Pousada apenas num estrado, no chão, elevando-se até o tecto, esmaga-nos pelas dimensões e pela sciencia genial da composição e da tecnica.

Na escuridão duma rua medieval, uma tropa de guerreiros, "reitres„ de feltros emplumados, lanças em riste e rufando tambores, fazem a ronda.

E' aqui o triunfo da tal luz aurea: o reflexo das tochas acêsas vem incidir sobre as mascaras energicas da soldadesca, sobre os gibões amarelo, vermelho, verde dos capitães, no metal das armas.

Fica-se em extasis. Ali, chegou-se até o ponto estreme em que a forma pode exprimir a vida. Só o silencio respeitoso e admirativo convem.

Noto a inteligente disposição dada ao ambiente, de maneira a conseguir que a obra produza o maximo do efeito. Colocou-se a tela só; a moldura, de tom escuro e apagado, ocupa um logar subalterno e não parecendo querer otuscar o esplendor do quadro, não se dá por ela; a sala está iluminada por uma "verrière„ colocada no tecto (é assim que o Mestre pintava); debaixo desse ceu de vidro, um velum de estofo de côr escura tambem põe os visitantes e a sala na penumbra, permitindo á luz cair apenas na tela.

Os conservadores do Museu colocaram-na na ultima sala, graduando o efeito, e nisso revelam-se psicologos, porque, se a mostrassem logo á entrada, não se lançaria sôbre o resto senão um olhar distraido e desdenhoso.

E' domingo. O Museu está cheio de rapazes e meninas de 12 a 18 anos, grandes olhos azuis e cabelos de linho, que veem livremente descansar dos seus estudos, comungando com os seus grandes Mestres.

Quantos paises ha em que a mocidade nunca põe os pés num Museu senão obrigada e levada pelo professor!

Verifica-se que é um grande povo aquele que sabe projectar e executar trabalhos uteis, praticos e gigantescos, e criar ao mesmo tempo obras artisticas prodigiosas como as que estão expostas no Dyksmuseum de Amsterdam.

regularizador do intestino
YOGURTINA
FERMENTOS LACTICOS EM COMPRIMIDOS
DEP. INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA
A VENDA NAS FARMACIAS

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo
A conferencia de Haya

LONDRES, 9

Quando ontem o sr. Snowden, ministro britanico das Finanças, perante a comissão financeira da conferencia de Haya, reforçou e desenvolveu a firme atitude que assumira na reunião inaugural, repelindo quaisquer outros sacrificios financeiros da Grã-Bretanha pela alteração das percentagens de Spa, afirmou:

«Tenho por tráz de mim o apoio unanime do meu Govêrno, de toda a Camara dos Comuns, independente de partidos, e o apoio, creio, de todo o povo da Grã-Bretanha».

Esta declaração é apoiada pelos comentarios da Imprensa ao seu discurso.

O «Times» diz: «A opinião publica do país aprovou a declaração de Snowden com singular unanimidade. A directriz tomada por Snowden tem o mérito de colocar, de principio, a discussão em Haya em bases de realidade. Desta forma, a conferencia não tem o mais pequeno pretexto para se illudir sôbre a verdadeira situação da opinião britanica». — (H.)

PARIS, 9

«Le Journal», a proposito da conferencia de Haya, diz que as consequencias de uma rotura seriam tão graves para a Inglaterra em primeiro lugar que se deve, até o fim, esperar um regresso ao bom-senso. — (H.)

O algodão

LONDRES, 9

Nas discussões não oficiais entre representantes das organizações patronais e proletarias da industria algodoeira, que ontem prosseguiram durante todo o dia, fizeram-se alguns progressos para solucionar a situação.

«Sir» Horace Wilson, do Ministerio do Trabalho, ocupou-se activamente, desde manhã cêdo, em tentar levar as duas partes a reunir-se em conferencia. — (H.)

Conde de Pinhel
FALECEU
Confortado com todos os Sacramentos da Igreja

Condessa de Pinhel, D Maria Candida de Campos Henriques de Moura Coutinho Almeida d'Eça e seu marido Dr. Ruy de Moura Coutinho Almeida d'Eça, D. Luiza de Campos Henriques d'Almeida Metello de Seixas e seu marido Dr. Alexandre Metello de Seixas, D. Elisa de Campos Henriques d'Almeida Braga e seu marido Eduardo da Silva Braga, (ausentes) D. Luiz de Campos Henriques d'Almeida e sua mulher D. Maria Dolores Lucio de La Arena de Campos Henriques d'Almeida, D. Sofia de Campos Henriques d'Almeida Costa e seu marido Fernando Costa, D. Elvira de Campos Henriques d'Almeida Ribeiro Rosario e seu marido Armando Ribeiro Rosario, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido de chamar á sua Divina Presença o seu chorado marido, Pae e sogro e que o seu funeral terá logar amanhã, 10, ás cinco horas da tarde, para o cemitério dos Prazeres.

CENTRAL Cinema O Favorito no «Derby»

Ultima edição

Vinho Verde d'Athey
O melhor gazoso de Basto. Mondim Celorico e Cabeceiras.--Unicos depositarios:
Monteiro & Silva Limitada
R. da Trindade, 17—Lisboa
Telefone Central 3387

EM VIANA DO CASTELO

O general Primo de Rivera

encontrou-se esta tarde COM o general Ivens Ferraz

Do nosso enviado especial

VIANA DO CASTELO, 9 — Chegou a esta cidade, no comboio da manhã, em que viajou desde Lisboa, directamente, o sr. general Ivens Ferraz.

O sr. presidente do ministerio viajou sem caracter oficial, tendo pago o bilhete e a cama como qualquer outro passageiro. Vem acompanhado de sua gentil filha, sr.ª D. Luísa Ivens Ferraz, do chefe do protocolo do ministerio dos Estrangeiros sr. dr. Ferreira de Almeida, e do ajudante sr. tenente Braziel.

Em Gaia entraram o governador civil do Porto, tenente-coronel Nunes da Ponte, o presidente da Camara Municipal e mais autoridades.

No bufete da estação tomaram o chefe do governo e a sua comitiva o primeiro almoço. De Gaia para o Porto foi ainda o sr. Ivens Ferraz, acompanhado pelo coronel Graça, governador militar do Porto com o chefe do Estado maior

Pela Companhia Portuguesa seguiu no comboio o sr. Vasconcelos Porto. Tambem viajaram no mesmo comboio o presidente do Centro Espanhol e o da Camara de Comercio de Lisboa, que vão saudar o general Primo de Rivera.

Em Barrozelas entraram o governador civil e o presidente da Camara de Viana do Castêlo.

A recepção ao Chefe do Governo em Viana foi muito afectuosa e concorridissima. O general Ivens Ferraz passou revista á guarda de honra de Infantaria 3, tendo a banda tocado a Portuguesa. Entre saudações populares tomou lugar, com asua comitiva, em automoveis, para Santa Luzia, onde o general Primo de Rivera está sendo esperado a todo o momento.

Como se sabe, a entrevista entre os dois chefes de Govêrno é meramente particular e de cortezia.

A chegada a Viana

VIANA DO CASTELO, 9, *(ás 14 horas)*. — O general sr. Ivens Ferraz, sua filha e comitiva oficial, aqui reunida, aguardavam desde as 11 e meia, no Hotel de Santa Luzia — que oferece hoje extraordinaria animação — o chefe do Govêrno espanhol, que, como se sabe, vem acompanhado por suas filhas.

De Valença fôra aqui recebida noticia da passagem do general Primo de Rivera, ás 10 e 45, vindo de automovel de Mondariz, onde se encontra veraneando. Na fronteira portuguesa o chefe do Govêrno espanhol foi recebido pelas autoridades locais, civis e militares, e pelo nosso consul em Tuy. O general apeou-se, tendo sido muito cumprimentado. Informou-se da estrada que conduz a Viana, e passados poucos minutos seguiu para a cidade do Minho, onde o esperava o sr. Presidente do Ministerio da Republica Portugueza.

O automovel do general chefe do govêrno espanhol chegou a Santa Luzia ás 13,15.

A' entrada foi logo saudado pelo general Ivens Ferraz, trocando-se um cordial aperto de mão. Poucas palavras de momento. O chefe do govêrno português informou-se da viagem do ilustre visitante, e manifestou-lhe o seu prazer de o vêr em terra portuguesa, dando-lhe boas vindas.

Durante os poucos minutos que duraram os cumprimentos pessoais dos dois chefes do govêrno, as pessoas de familia e comitiva faziam discretos grupos em redor. E logo começaram as apresentações, que se iniciaram pelas filhas dos dois generais. As três senhoras logo se destacaram do grupo, deixando á vontade as outras pessoas, que sucessivamente se fôram conhecendo, trocando apertos de mão efusivos.

O general Primo de Rivera, que além de suas filhas, se faz acompanhar pelo oficial ás ordens, comandante de artilharia, D. José Gomes Perez, mostrou interesse pelas apresentações, informando-se das armas a que pertencem os oficais e guarnições onde prestam serviço.

Jovial e comunicativo, o general Primo de Rivera contrasta um pouco com o sr. Ivens Ferraz, mais sobrio, ainda que risonho. O chefe do governo espanhol, em seguida, passou revista á guarda de honra, uma companhia de infantaria n.º 3, com a bandeira e banda, e que executára a "marcha real„ espanhola, á chegada do representativo visitante.

O sr. Primo de Rivera, como o sr. Ivens Ferraz, veste á paisana. Fato azul escuro, "boné„ de oficial de marinha, como o de certos retratos antigos do Kaiser, nas suas viagens de recreio. Traz uma simples roseta na lapela, tal qual o chefe do governo português.

Continua sorridente a falar agora com o comandante português da região militar, coronel Graça, enquanto o seu oficial ás ordens conversa com os oficiais portugueses. O sr. dr. Ferreira de Almeida, chefe do protocolo da Presidencia da Republica, recorta-se elegantemente no grupo.

Pouco depois o general espanhol subiu aos seus aposentos retazer "toilette".

As filhas dos dois Presidentes ficaram em baixo "charlando". São três senhoras gentilissimas, sem favor nem exagero do cronista. D. Carmen é uma "rubia", simpatiquissima, de talhe esvelto; D. Pilar é morena, de um moreno valenciano picado de um sorriso de Murcia. D. Luiza, de uma graça portuguesa intermedia entre os tipos das suas "amiguitas" Pilar e Carmen, é tambem um lindo tipo de senhora.

Falam em voz baixa, um pouco receosamente, num francês correcto, ainda que acentuadamente peninsular. Mas pouco a pouco se animam, e as primeiras gargalhadas da Pilar quebram o encanto contemplativo do panorama de Santa Luzia.

A's 13 e 45 resolve-se que se almoce. Já desceu o sr. marquês de Estella, que logo procura o sr. general Ivens Ferraz. Exuberante, o chefe do govêrno espanhol elogia a paisagem.

— Magnifico! De que lado fica o Atlantico?

Indicam-lhe.

— Bela cousa o mar! Mas esta região domina todos os Oceanos ....

O sr. general português tem um irmão almirante. E vão subindo ao salão de jantar.

As três senhoras já mesclam o seu francês de espanhol e de lusitano.

Parecem amigas de colegio... Mas vão separar-se, á meza, com satisfação dos senhores oficiais, que estão fartos de falar das cousas da tropa.

O almoço intimo

Vai principiar o almoço. Estão 25 talheres. O sr. general Ivens Ferraz tem á direita D. Pilar e á esquerda D. Carmen, O sr. general Primo de Rivera, em frente, tem á direita D. Luiza e á esquerda o sr. coronel Graça.

No meio daquelas fardas e "paletots„ escuros, as "toilettes„ elegantes e finas das três senhoras "valem por todos os ramos de flôres que explendem pela sala„. Assim o nota um oficial português, por tal sinal já longe da juventude.

O chefe do governo espanhol regista com desvanecimento a manifestação popular de que foi alvo. Conversa sempre. Está feliz em ditos discretos. O general português corresponde, na sua sobriedade natural.

—E' a primeira vez que V. Ex.ª vem ao meu paiz?

— Sim. A primeira. E ha quanto tempo tinha vontade de cá vir! Queria conhecer de perto o povo português, que, tendo tantos pontos afins com o povo espanhol, todavia oferece um caracter diverso. Tenho notado que o Minho parece um jardim.

— Minho e Galiza são identicos... — corresponde o sr. Ivens Ferraz.

Todo o almoço decorreu com animação discreta, entretendo-se os generais conversando, por vezes, com as senhoras a seu lado. Primo de Rivera, a certa altura, volta a preguntar pelo estado de saude do sr. general Carmona, de quem já se informara. "Muito bem!" informa o chefe do Govêrno português.

Imediatamente, ligando o seu pensamento, o sr. general Rivera transmite ao seu colega os cumprimentos que, de Madrid, lhe envia o sr. Melo Barreto, embaixador de Portugal. Logo, faz o elogio do nosso representante.

— Muito distinto. Muito querido. Está ocupando muito inteligentemente o seu pôsto. E' um belo diplomata. E' um bravo português.

Insiste. O general sr. Ivens Ferraz escuta com inteligencia ajustada.

E a conversação prossegue, alternando os assuntos. De vez em quando ouve-se uma gargalhada fina, como se fosse um toque num cristal.

Os fotografos — estão bastantes jornalistas espanhois e alguns portugueses — preparam as maquinas.

—Aqui está uma ditadura.... que a ditadura tem de respeitar — sentenciou o general Primo de Rivera.

E acrescenta:

—Devem ter-me tirado o retrato milhões de vezes! Não sei para quê! Sou sempre o mesmo....

Quasi no final, o sr. general Ivens Ferraz, com um vislumbre de solenidade, apenas, pronuncia algumas palavras. Não é um discurso. Nem um brinde. Vóz muito baixa. Só quási o gesto, sem sorriso. Meio minuto. Manifesta o seu prazer pelo encontro. Bebe á saude do chefe do Govêrno espanhol e de suas filhas. Responde o general Rivera. O mesmo tom, gesto, tempo e atitude. A mais: um sorriso debil. Agradece; "encantado„.

O general Ivens Ferraz segue para Espanha

O general Primo de Rivera convida o sr. Ivens Ferraz para ir a Mondariz passar "un ratito„. Dar-lhe hia muito prazer. As suas filhas teriam ocasião de conviver mais. O nosso Ministro aceita, sempre no seu rigido semblante, "assim de seu natural„, como diria Fernão Lopes.

O general Rivera informa:

—E' bonita a região. Haverá uma "verbena„, que temos o prazer da oferecer a sua filha, e o banquete de honra que oferecemos a "usted„.

O almoço terminou pouco depois.

Os dois generais a certa altura passeiam sosinhos, enquanto a comitiva continua as conversas soltas interrompidas ao almoço.

D. Pilar, D. Carmen e D. Luiza discutem os caprichos das modas, em Biarritz, que....

Mas preparam um pequeno passeio por ali perto.

Os dois chefes de governo, suas filhas e os oficiais ás ordens seguem dentro poucas horas para Mondariz.

E amanhã direi....

Rogerio Perez

O problema do pão

(Continuação da 7.ª página)

«Julgo que não é preciso acrescentar comentarios á anedocta.

Final da entrevista:

— O pão bom, dentro do actual regime de farinhas e de horario, é possivel. Mais: estou convencido de que será uma realidade de dentro de muito pouco tempo, uma vez vencidas as ultimas resistencias.

«Vou mandar buscar-lhe do que gasto em minha casa. E' saboroso, é nutritivo. E' pão, como se fabríca em muitas padarias, com este pequeno detalhe: é pão bem cozido. Toda a gente deve exigir o seu pão bem cozido.

Efectivamente o sr. coronel Mousinho mostrou-nos um pão de bom fabríco e gôsto.

E acrescentou:

— A prova tenho-a feito varias vezes. De duas coisas podem estar certos os industriais, os operarios e o publico: que o horario de trabalho nas padarias ficará, havendo apenas a fazer-lhe ligeiras alterações a decretar dentro em breve; e que todas as resistencias serão vencidas, para que o publico fique bem servido.

«Não sou partidario do tipo unico de pão. Mas compreendo, por motivos de ordem economica, a sua existencia, e aceito-o.

«Patrões e operarios têm de convencer-se de que a lei é para ser cumprida. E que o cumprimento da lei constitui o primeiro passo para que todos nós possamos entender-nos».

Carteira encontrada

Foi encontrada, no convento de Santo Antonio, Estoril, pelo sr. Francisco Pinheiro Rato, uma carteira com documentos, que está depositada na Administração do "Diario de Lisboa„.

Conde de Pinhel

No seu palacete do largo do Conde Barão, faleceu hoje o sr. Manuel Antonio de Almeida (Conde de Pinhel), de 69 anos de idade, natural de Vila Nova de Foscôa, onde era muito estimado pelas suas excelentes qualidades de caracter.

O seu funeral realiza-se ámanhã, ás 17 horas, da casa da sua residencia para o cemiterio dos Prazeres.

O *Diario de Lisboa* apresenta sentidas condolencias a toda a familia enlutada, em especial a seu filho D. Luis, nosso amigo e distinto «sportman».